



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

FRANCISCA CORNÉLIO DOS SANTOS

Diversidade na Escola:
gênero, sexualidades e questões etnicorraciais como desafios à formação
docente

CAJAZEIRAS-PB
2016

FRANCISCA CORNÉLIO DOS SANTOS

Diversidade na Escola:
gênero, sexualidades e questões etnicorraciais como desafios à formação
docente

Monografia apresentada ao curso de
Pedagogia do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Alexandre Martins Joca

CAJAZEIRAS-PB
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S237dSantos, Francisca Cornélio dos.

Diversidade na escola: gênero, sexualidades e questões etnicorraciais como desafios à formação docente / Francisca Cornélio dos Santos.- Cajazeiras, 2016.

78p.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Alexandre Martins Joca.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2016.

1. Formação de professores. 2. Diversidade na escola. 3. Educação - docentes. I.Joca, Alexandre Martins. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

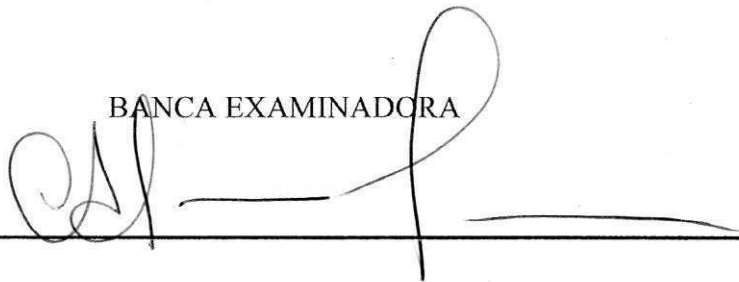
CDU-377.8

FRANCISCA CORNÉLIO DOS SANTOS

Diversidade na Escola:
gênero, sexualidades e questões etnicorraciais como desafios à formação
docente

Monografia Aprovada em: 27/09/2016

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alexandre Martins Joca
Orientador

UAE/CFP/UFCG



Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes
Examinador

UAE/CFP/UFCG



Prof.ª Maria Thais de Oliveira Batista
Examinador

UAE/CFP/UFCG

Dedico á Deus em primeiro lugar que sempre iluminou minha vida durante todo esse tempo. Aos meus pais, pelo amor, ensinamentos e cuidados que foram muito importantes na minha vida, ao meu marido que sempre esteve do meu lado, pelo apoio em todos os momentos, cujo me fizeram seguir na concretização desse sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente à Deus por ter iluminado minha vida durante o curso e que sempre me guiou nas minhas escolhas. A minha querida mãe que sempre esteve ao meu lado me abençoando e ajudando nos momentos difíceis. Ao meu pai e meu marido por sempre estar torcendo por mim.

Aos professores da Universidade Federal de Campina Grande do Centro de Formação de Professores, Campus Cajazeiras - PB, que contribuíram com os mais variados ensinamentos, aprimorando meus conhecimentos. Agradeço aos demais educadores que contribuíram com a minha formação desde os primeiros anos iniciais, que foram os meus primeiros passos para a concretização desse grande sonho

Ao meu orientador, Alexandre Martins Joca, que se mostrou disposto em me ajudar, por ter me orientado, contribuindo com seus conhecimentos, para a realização desse trabalho.

Aos professores que aceitaram participar da Banca Examinadora deixo aqui meu agradecimento.

Às professoras entrevistadas da escola, que colaboraram com as respostas e que deram permissão para realizar as perguntas, tornando assim possível a construção. Para essas pessoas deixo os meus sinceros agradecimentos.

“Ser livre é conseguir flutuar entre a diversidade e a multiplicidade, sem perder a própria identidade”.

(Dimos Iksilara)

RESUMO

Este estudo monográfico sobre a **Diversidade na Escola**: gênero, sexualidades e questões etnicorraciais como desafios à formação docente, foi realizado em uma escola da rede pública municipal de Vieirópolis - PB. Teve como objetivo investigar os saberes dos professores sobre as diversidades na escola a partir das experiências, desafios e possibilidades enfrentados no cotidiano escolar. Para isso busco identificar quais os obstáculos e possibilidades dos professores no convívio com a diversidade na escola; Refletir sobre quais as contribuições da formação docente para a abordagem da diversidade na escola e discutir qual o papel do professor frente às questões da diversidade na escola. A escolha desse tema surgiu em virtude de sua relevância nos atuais estudos sobre a educação e por ser um assunto que faz parte do dia-a-dia do ambiente escolar, como também é um tema que me interessa muito por está relacionado com meu futuro campo de trabalho. Para fundamentar essa discussão utilizei como base teórica a contribuição dos seguintes autores Junqueira (2009), Luz (2009), Meyer (2007), Joca (2008), Jovino (2006), Santos (2006), Leal (2005), Nóvoa (2002) entre outros que discutem sobre essa temática. O procedimento metodológico utilizado nesse estudo foi uma pesquisa bibliográfica e de campo. Na coleta de dados foi aplicada uma entrevista semiestruturada como instrumento, composta por seis questões direcionadas a temática. Os participantes da pesquisa foram quatro professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Diante da pesquisa pode-se concluir que a formação docente é um dos meios para a realização de uma prática que valorize as diferenças dentro e fora da escola, na qual o ambiente escolar rejeite qualquer ato de discriminação e preconceito existente. É importante destacar que todos e todas temos direitos e deveres independentes de classe social, cor, ou etnia, gênero, orientação sexual e, portanto as diversidades merecem ser valorizadas, respeitadas e aceitas em prol de uma boa convivência e da garantia do direito à educação.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Docente. Diversidade. Escola. Educação.

ABSTRACT

This monographic study on Diversity in School: gender, sexualities and ethnic-racial issues as challenges to teacher training was held in a school municipal network Vieirópolis - PB. We aimed to investigate teachers' knowledge about the diversity in the school from the experiences, challenges and opportunities faced in everyday school life. For this I try to identify what obstacles and possibilities of teachers in contact with diversity in the school; Reflect on which the contributions of teacher education to address the diversity in school and discuss what the role of the teacher facing the diversity of issues at school. The choice of this theme arose because of its relevance in the current studies on education and to be a subject that is part of day-to-day school environment, it is also a topic that interests me a lot of is related to my future field work. To support this argument I used as a theoretical basis the contribution of the following authors Junqueira (2009), Light (2009), Meyer (2007), Joca (2008), Jovino (2006), Santos (2006), Leal (2005), Novoa (2002) among others to discuss this theme. The approach used in this study was a literature and field research. Data collection was applied semi-structured interview as instrument, consisting of six questions addressed the issue. The participants were four teachers in the early years of elementary school. Before the research can be concluded that teacher training is one of the means for carrying out a practice that values differences inside and outside the school, where the school environment rejects any act of discrimination and prejudice existing. It is important to note that each and all have independent rights and duties of social class, race or ethnicity, gender, sexual orientation and therefore the differences deserve to be valued, respected and accepted for the sake of good relations and ensuring the right to education .

KEYWORDS: Teacher Training. Diversity. School. Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 DIVERSIDADE CULTURAL UMA QUESTÃO ESCOLAR	16
1.1 Gênero e Sexualidade: quebrando tabus.....	24
1.2 Valorização da identidade afrodescendente	36
2 FORMAÇÃO DOCENTE E AS EXIGÊNCIAS DA EDUCAÇÃO ATUAL	44
2.1. Educar na diversidade.....	48
3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS:	73
APÊNDICE A- Roteiro de Entrevista	78
APÊNDICE B- Termo de Consentimento.....	79

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende discutir o papel e a formação do professor no sentido de uma prática docente de enfrentamento de preconceitos e discriminações decorrentes das diversidades que caracterizam crianças e jovens em formação nas escolas brasileiras.

Explorar essa temática é fator preponderante para ampliar os conhecimentos dos professores, alunos e também da sociedade, contribuindo assim, para reflexões que possam realizar mudanças no que tange a organização do sistema educacional, de modo que o ensino-aprendizagem seja pensado e construído para todos de forma igualitária.

Mediante o exposto, visando ampliar o assunto, a partir do problema em estudo: Como o preconceito e a discriminação acontecem atualmente? Será que o respeito e valorização á diversidade é trabalhada nas escolas? Como os professores percebem e lidam com as diversidades dentro da sala de aula? Será que eles estão preparados adequadamente para resolver situações do dia-a-dia que envolva qualquer ato de distinção entre os alunos?

A diversidade na escola precisa ser debatida, principalmente ao que diz respeito ao preconceito e a discriminação que ocorre no campo educacional entre os alunos, bem como entre todos que dela fazem parte. Em virtude da existência das diversidades na escola, os professores, funcionários e diretores não podem ser omissos a elas, sendo necessário que eles oportunizem situações que possam acabar com as distinções que excluem os alunos do convívio social.

Por isso, o presente estudo tem como objetivo geral: Investigar os saberes dos professores sobre as diversidades na escola a partir das experiências, desafios e possibilidades enfrentados no cotidiano escolar; e como objetivos específicos: Identificar quais os obstáculos e possibilidades dos professores de conviverem com a diversidade na escola; Refletir sobre quais as contribuições da formação docente para a abordagem da diversidade na escola; Discutir qual o papel do professor com a questão da diversidade na escola.

A escolha desse tema se deu durante os estágios de educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, no qual presenciei, por meio do contato direto, situações de professores que tinham dificuldades de trabalhar sobre a sexualidade, o preconceito e a discriminação com seus alunos, também não sabiam como resolver de forma mais adequada problemas como a violência que acontecia entre os alunos, na qual se dava tanto fisicamente ou por meio de palavras, também tinham alunos que sofriam racismo por ter cor diferente, meninos que não podiam brincar com meninas e vice versa, porque eram logo apelidados com

palavras preconceituosas, presenciei garotos que já tinham atos machistas contra colegas de classe.

Assim, diante da amplitude das questões sobre as diversidades humanas e compreendendo as limitações desta pesquisa, abordo aqui especificamente as questões de gênero, de sexualidade e etnicorracial. A escolha destas temáticas se deram também, em virtude dos debates que ocorrem atualmente nas políticas educacionais e dos conflitos e desafios que elas apresentam aos professores em sala de aula.

Nesse sentido, essas situações presenciadas me estimularam a realizar essa pesquisa, na qual se pode refletir sobre o papel da formação docente para o melhor desempenho da prática docente perante essas questões, sendo que preconceito, racismo, religião, sexualidade, são assuntos que merecem ter um maior destaque por parte dos governantes do país.

Defendo o argumento de que a reprodução da exclusão social existente na escola e na sala de aula pode ser superada, desde que os profissionais da instituição estejam preparados para lidar com as diferenças e que o corpo gestor disponibilize mecanismos para que aconteça essa preparação, como também, proporcionem uma escola aberta para o novo, para as diversidades.

A formação docente há muito tempo vem se tornando tema de debates nas discussões sobre a educação, devido ser um assunto de grande importância para o meio educacional, já que retrata as competências atuais necessárias para a atuação docente.

A prática docente requer muitas habilidades, daí o professor precisa estar sempre se qualificando, em formação, visando à eficácia do magistério, ou seja, proporcionando aos seus alunos uma aprendizagem significativa, ajudando-os a superar os conflitos e desafios encontrados no espaço escolar. Entre esses conflitos, está o desafio da convivência com as diferenças, com as diversidades existentes na sociedade e na escola.

Os desafios existentes na área docente são muitos, o novo perfil dos alunos que encontramos faz com que os educadore(a)s busquem cada vez mais se aperfeiçoar, se qualificar, de modo que tenha subsídios suficientes para suprir as necessidades dos alunos.

Nesse sentido, defender a formação docente como uma peça fundamental que deve ser estimulada por parte dos administradores escolares, no intuito de garantir uma melhor qualificação para os docentes, na qual possibilitará uma educação de qualidade, voltada para a realidade dos alunos.

São muitos aspectos da diversidade no ambiente escolar, e o professor tem que estar preparado para se posicionar em relação a elas, lidar com as diversas religiões, culturas, o

modo de falar de cada aluno, os seus costumes, a organização familiar deles, entre tantas outras diversidades encontradas não é uma tarefa fácil para nenhum educador.

Nessa perspectiva, trabalhar a temática “*diversidades na escola*” é essencial para compreender a contribuição da formação inicial e continua dos professores para o progresso de efetivação de uma educação, de fato, para todos e todas, sem distinção de cor, raça, etnia, gênero, orientação sexual. Já que por meio de formações o professor aprenderá a lidar com as variadas diversidades.

Muitos docentes não se sentem estimulados em continuar se qualificando, devido não terem oportunidade, pois, em alguns lugares ainda não disponibilizam formações continuadas, os próprios docentes não querem pagar cursos com o seu dinheiro alegando que ganham pouco, eles não têm tempo para realizar essas formações, já que têm que trabalhar em mais de um horário.

Sendo assim, discutir essa temática tem como propósito incentivar os professores a realizar formações continuadas, indo além de suas limitações, pois, o professor necessita ter conhecimentos teóricos e práticos para auxiliar na formação dos educandos, buscando metodologias que estejam relacionadas com a realidade dos alunos, favorecendo atividades prazerosas e criativas que só serão adquiridas no processo de busca pelo conhecimento.

Na atualidade, o mundo nos mostra a diversidade das mais diferentes formas, onde as populações diferenciam por suas particularidades seja na forma de vestir, na orientação sexual, na etnia ou na questão religiosa, porém, por causa dessas diferenças sabemos que há preconceitos, discriminações que levam a exclusão dos indivíduos na sociedade, o que repercute na escola também. Em virtude desse preconceito existente contra alguns grupos na sociedade criaram-se leis em defesa a qualquer ato que possa denegrir a identidade do indivíduo.

A nossa constituição garante o direito à igualdade e a diversidade cultural no seu Art. 5º todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...]. O Art. 205º também garante a educação como um direito de todos e que deve ser realizada de forma igualitária. Todas essas leis nortearam o desenvolvimento desse trabalho, proporcionando assim uma melhor compreensão em relação à temática Diversidade.

O artigo 33 da LDB trata da necessidade que é respeitar a diversidade cultural religiosa, e de inserir o ensino religioso como parte integrante para a formação do sujeito, garantindo a liberdade de escolha. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997), também tratam do tema Transversal Pluralidade Cultural, na qual destaca que os professores devem realizar na sua prática um ensino que respeite e valorize as diversas culturas.

A Lei 10639/03 institui as Diretrizes e Base da Educação Nacional na qual defende que a “História e Cultura Afro-Brasileira” sejam trabalhadas nas escolas e que estejam incluídas no currículo. Fazendo com que todos os alunos sejam integrados na escola de forma justa, respeitando suas diferenças e assegurando seus direitos.

Muitos preferem fingir que não tem preconceito, consideram, muitas vezes, como “brincadeiras”, mas, “brincadeiras” de muito mau gosto, consideradas normais por eles. No entanto essas atitudes têm um nome é chama de *bullying*, que para LOPES e SAAVEDRA (2003, p.18) são “Ações diretas: Subdivididas em físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidos, insultos, atitudes preconceituosas). E as ações indiretas (ou emocionais)[...]. No entanto, para quem passa discriminação por meio de piadas não as consideram assim, sofrem e entram até em depressão por acharem que são diferentes.

Toda pessoa que sofre com o preconceito, discriminação e exclusão se sente inferiores, incapazes, devido a tantas agressões verbais e físicas que sofrem por parte de pessoas anti-sociais que se acham melhores por serem branco, por terem o padrão de vida que a sociedade impõe, ou por serem heterossexuais.

Até quando vamos ter que conviver com atos discriminatórios no nosso meio social. Sabemos que a Constituição Federal garante que todas as pessoas tenham os mesmos direitos, por que não respeitar o modo de ser do outro, por que não compreender que todos têm a liberdade de fazer suas escolhas, de defender e vivenciar sua cultura, sem precisar ser excluídos. Não existe uma cultura certa ou errada, não tem religião melhor que outra, o branco não e melhor que o negro, vivemos em uma democracia é todos merecem ser valorizados.

A metodologia deste trabalho foi baseada numa pesquisa exploratória, pois possibilita um conhecimento mais amplo, que ajuda a realizar estudos mais detalhados sobre a diversidade na escola e o papel da formação docente. De acordo com Gonsalves (2003, p. 65) “a pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado”. Ela nós possibilita uma melhor compreensão sobre a temática, pois, temos a oportunidade de ficar mais perto do campo de pesquisa.

O tipo de abordagem da pesquisa é qualitativa, pois favorece uma compreensão entre os sujeitos da pesquisa, assim Gonsalves (2003, p. 68) relata que “por sua vez, a pesquisa qualitativa preocupou-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem

hermenêutica”. Proporcionando uma noção mais clara sobre o assunto pesquisado, uma compreensão adquirida por diferentes pontos de vista.

Como procedimento metodológico, utilizei como técnica a entrevista semi- estruturada composta por seis questões, sendo que interagi com os sujeitos da pesquisa. Para Manzini, (1991, p. 02) “a entrevista semi- estruturada (*sic*) está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”.

A entrevista semi-estruturada possibilita maior aproveitamento das informações, na qual o pesquisador pode interagir com os entrevistados fazendo indagações a respeito do assunto, quando for necessário, sendo assim as informações acolhidas pelo pesquisador favorece uma compreensão significativa para a pesquisa.

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública municipal de ensino fundamental do município de Vieirópolis - PB. Os sujeitos da pesquisa foram quatro (4) professores, que trabalham com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

Após a realização das entrevistas foi realizado a análise dos dados a partir das respostas dos professores, seguido de um confronto com a teoria dos autores que debate essa temática. De modo que seja feito uma análise mais definida da importância da formação docente para trabalhar as diversidades. Pois,

A análise de conteúdo é uma técnica de análise das comunicações, que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador. Na análise do material, busca-se classificá-los em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que está por trás dos discursos. O caminho percorrido pela análise de conteúdo, ao longo dos anos, perpassa diversas fontes de dados, como: notícias de jornais, discursos políticos, cartas, anúncios publicitários, relatórios oficiais, entrevistas, vídeos, filmes, fotografias, revistas, relatos autobiográficos, entre outros. (SILVA; FOSSÁ, 2013, p.2)

Técnica essa que permite conhecer melhor tudo o que está subentendido nas respostas e dá oportunidade de compreender melhor sobre a temática pelo ponto de vista teórico, do entrevistado e do pesquisador, possibilita-se, assim, aprimorar melhor nossos conhecimentos sobre o tema.

Esse estudo está estruturado da seguinte forma: O primeiro capítulo discute “Diversidade cultural uma questão escolar”, abordado questões sobre como a sociedade brasileira e a escola lidam com a diversidade humana, destacando os preconceitos e discriminações existentes e como ela pode influenciar no processo de ensino-aprendizagem, já

que o meio social interfere na formação dos sujeitos. Além de debater sobre qual a cultura dominante nas escolas, que muitas vezes reprime e exclui os alunos.

No segundo capítulo, “Formação Docente e as Exigências da Educação Atual”, discuto a necessidade da formação docente para o trato com as diversidades dentro da sala de aula e qual o papel do professor perante as mudanças que acontece na sociedade, bem como, refletir sobre a complexidade dessa profissão nos dias atuais. Dialogando sobre temas considerados tabus pela sociedade e sobre as possíveis soluções para acabar com atos que possam ferir a dignidade humana.

O terceiro capítulo é constituído pela descrição e análise dos dados da pesquisa, onde serão refletidas e discutidas as respostas das entrevistadas com o pensamento dos autores empregados para a fundamentação teórica, por meio de perguntas a respeito da “Diversidade na Escola”.

Espero que este estudo venha contribuir nos debates sobre o sistema educativo, e que os professores se sintam motivados em continuarem seus estudos, sempre adquirindo novos conhecimentos que possam servir de apoio na sua prática docente. Que essa pesquisa possa ampliar seus conhecimentos sobre a diversidade humana, contribuindo para a uma prática docente que vá ao encontro da garantia do direito a educação a todos e todas.

1 DIVERSIDADE CULTURAL: UMA QUESTÃO ESCOLAR

Diversidade é um termo muito amplo, que leva ao debate de muitas questões relacionadas com o meio educacional, questões como gênero, religião, cor, sexualidade, em virtude disso, a educação pede por novas mudanças, das quais são necessárias para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Silvério (2005, p.87) fala que:

O substantivo feminino diversidade pode significar variedade, diferença e multiplicidade. A diferença é a qualidade do que é diferente, o que distingue uma coisa da outra, a falta de igualdade ou de semelhança. A variedade diz respeito a qualidade, atributo ou estado de algo que possui diferentes formas ou tipos que se diversificam dentro de uma classe. A multiplicidade diz respeito a grande número ou variedade de algo.

Nesse contexto as diversidades existem, e não é tratado como algo natural, mas, elas são vistas de forma preconceituosa e discriminatória, aumentando ainda mais a desigualdade entre os seres humanos. Temos os mesmos direitos na sociedade, porém, se nota grande diferença entre as oportunidades de emprego, escolarização, de lazer, de moradia, de distribuição de renda entre as pessoas, onde pequena parte da população é mais favorecida que outra.

Em relação ao Brasil, nos últimos anos, a maior elevação da renda dos grupos mais pobres em relação aos mais ricos foi determinante para que o Índice de Gini recuasse de 0,545 em 2004 para 0,490 em 2014. Apesar desse notório avanço, o País possui um nível de desigualdade elevado quando comparado com outros países em mesmo estágio de desenvolvimento [...]. (BRASIL, 2016, p.5)

Percebemos que no Brasil houve uma diminuição na desigualdade em relação à renda dos grupos mais pobres, porém, o Brasil ainda tem um índice alto de desigualdade em relação a outros países. Concentra quase toda a riqueza em apenas uma parcela da população só faz aumentar a pobreza e a desigualdade, é notório que se deve refletir e realizar mudanças de forma urgente a respeito da realidade atual vivenciada pela população.

Vários temas nos direcionam as diversidades na sociedade, como a questão cultural, étnico-racial, religiosa, gênero, pessoas com necessidades especiais e dos homossexuais, que sofrem no meio social com distinções preconceituosas, que muitas vezes impede a liberdade de expressão que cada povo tem de garantir seus direitos

A diversidade é bem visível na sociedade, o Brasil é um país formado por diversas culturas, o que proporciona a divisão da população em grupos ou classe social. Nesse sentido, essa separação causa uma rejeição por parte de um grupo por outro, como se as diferenças de

opiniões, gosto, escolhas, cultura, não pudessem ser respeitadas e aceitas por todos, e com o isso os indivíduos demonstram comportamentos que prejudicam e denigra a imagem daqueles que não fazem parte do seu grupo.

As relações dos sujeitos na sociedade vão acontecendo e com elas vão aparecendo às crenças, as regras, os costumes de cada grupo, também vão surgindo o preconceito, a discriminação, a exclusão entre as pessoas que interferem na forma em que a sociedade vai se formando. Essa relação se dá por meio de conflitos de opiniões e interesses de cada indivíduo.

Por mais que queiramos uma sociedade justa e igualitária, sabemos que há conflitos entre grupos que causa desvalorização e desrespeito pelas outras culturas, muitas vezes acontecendo de forma violenta, com atitudes inadequadas por meio de palavras ofensivas e de violência física.

Mesmo que a sociedade brasileira seja composta por diferentes culturas, é visível que nela ainda há muita discriminação, apesar de todas as transformações que ocorreram, podemos ver ainda a existência de práticas preconceituosas, formada por pensamentos antigos e fechados ao novo. Embora saibam que conviver com as diferenças é fundamental para a existência de uma sociedade igualitária.

Cada pessoa diferencia uma das outras nas suas características físicas, emocionais, escolhas de valores, crenças, religião, mas, mesmo com essa vasta diversidade na sociedade, determinados grupos ainda sofrem exclusão, só por terem opções e escolhas diferentes daquela que foram construídas na sociedade.

A muita discriminação contra os homossexuais, as mulheres, e os afrodescendentes, como se eles não tivessem direito de viver na sociedade. Sofrem rejeição em ambiente públicos, com piadas, palavrões, agressões físicas, somente por ter preferências sexuais diferentes da heteronormatividade, ser do sexo feminino, ou ter características físicas e sociais diferentes.

Discriminação essa que acontece em lojas, nas ruas, bares, festas, entre tantos outros lugares que oportunizam essa exclusão mesmo sem ser de forma intencionada. É perceptível a diferença que uma pessoa negra é tratada em relação a uma pessoa branca, na hora de ser atendida em uma loja, como se não fosse capaz de pagar tão produto ou como se fosse roubar. Conseguir um emprego então é muito difícil, já que a sociedade na maioria das vezes só dá chance para trabalhar como empregada doméstica, auxiliar de serviços gerais, cargos muitas vezes abaixo da qualificação do negro, como se eles não tivessem capacidades.

As mulheres então sofrem muito, por vivemos ainda em uma sociedade machista, onde os melhores cargos e salários são disponibilizados para os homens, eles podem ter os mesmos

cargos, mas, muitas vezes ganham salários diferentes, e se a mulher for negra sofre muito mais, já que suas chances de crescer na sociedade que foi construída para homens brancos comandar se torna cada vez menor.

Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) também são agredidos por palavras pejorativas como “bicha”, “veado”, “mulherzinha”, “afeminado”, “sapatão” nos ambientes da sociedade. Como se eles não tivessem o direito de viver sua sexualidade livremente. Assim, as pessoas LGBT sofrem violências morais, psicológicas, físicas cotidianamente, causando prejuízos na sua formação como cidadãos e cidadãs que possuem direitos e deveres na sociedade.

Além dos ambientes públicos que ajudam com atos de exclusão também tem a escola que mesmo sendo um espaço de formação do sujeito também convive com atos discriminatórios e preconceituosos. Em virtude disso

Temos visto consolidar-se uma visão segundo a qual a escola não apenas transmite ou constrói conhecimento, mas o faz reproduzindo padrões sociais, perpetuando concepções, valores e clivagens sociais, fabricando sujeitos (seus corpos e suas identidades), legitimando relações de poder, hierarquias e processos de acumulação. Dar-se conta de que o campo da educação se constituiu historicamente como um espaço disciplinador e normalizador é um passo decisivo para se caminhar rumo á desestabilização de suas lógicas e compromissos. (JUNQUEIRA, 2009, p.14)

As instituições escolares ainda reproduzem valores e concepções de determinada classe, essa reprodução causa uma exclusão dos alunos das classes desfavorecidas, já que seus costumes, cultura, questão social, é ignorado durante o processo de ensino aprendizagem. Dessa forma,

A escola configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos LGBT – muitos/as dos/ as quais vivem, de maneiras distintas, situações delicadas e vulneradoras de internalizarão da homofobia, negação, autoculpabilização, auto-aversão. E isso se faz com a participação ou a omissão da família, da comunidade escolar, da sociedade e do estado. (JUNQUEIRA, 2009, p.14)

Por ser a escola um lugar construído para formar sujeitos conscientes na sociedade, ela deve criar formas de desconstruir qualquer ato de exclusão que um aluno possa sofrer. Ensinar para conviver com a diversidade dentro ou fora das escolas deveria ser uma das metas mais urgentes para se desenvolvida na educação, para que assim possa acabar com os mais diferentes tipos de preconceitos que cerca a sociedade.

A escola inicialmente foi criada para alunos da classe rica, para grupos sociais que tinham poder econômico e social, só estudava que tinha condições, era um ensino voltado para poucos. Com o tempo a educação foi se ampliando, outras classes sociais foram ganhando mais espaço, e hoje em dia a educação é um direito de todos, embora que ela ainda seja baseada no padrão de cultura dos brancos.

Para tanto, considerando a estrutura do sistema capitalista na sociedade brasileira e as relações de poder que regem a educação no Brasil, procuro identificar para quem ela está a serviço, impedindo a construção de uma escola com uma práxis educativa politicamente inovadora. Tento entender como as relações dominantes se manifestam no cotidiano da escola e a forma como as mesmas se apresentam no subjetivo dos sujeitos, fazendo com que eles reproduzam, condicionados ideologicamente, os mecanismos de controle sócio-político. Procuro compreender o contexto sócio-educacional em que está inserida a criança brasileira e seus aspectos de humanização/desumanização que imperam na conjuntura social. (BARBOSA, 2004, p.09)

Em virtude disso, as relações de poder que existe na sociedade interferem no sistema educativo, na qual é criada e pensada para uma realidade totalmente diferente daquela vivenciada pelos alunos e professores. Criam-se programas de educação que foge totalmente das necessidades dos alunos, e com isso os obstáculos na prática docente surge, já que eles muitas vezes têm que seguir o cronograma do programa sem pular nem um ponto, mesmo notando que precisam ser trabalhadas outras questões na sala de aula.

As escolas muitas vezes por manter um ritmo e uma cultura diferente da realidade da maioria dos alunos impedem novas mudanças na prática educativa. Sabemos que o modelo de família tradicional não é o mesmo de antigamente, mas a construção do ensino-aprendizagem ainda é voltada para a composição de pai, mãe e filhos, bem sabendo que hoje se vê os mais variados tipos de família.

Na vida moderna, com a crescente imposição das exigências dos valores capitalistas, o núcleo familiar vem sofrendo grandes transformações. A família tradicional está perdendo o espaço para outras formas de organização familiar. O pai não se constitui mais o único chefe da família e como único provedor dos recursos para a sobrevivência dos membros que a compõe. Hoje a mulher, ao sair para o mercado de trabalho, vem ao longo dos últimos anos transformando o artigo caráter familiar onde a mãe permanecia em casa e, por isto, permanecia física e emocionalmente ao lado dos filhos. (BARBOSA, 2004, p.34)

A organização familiar mudou, hoje podemos ver uma família com duas mães ou dois pais, crianças sendo criados com os avós, criada apenas pela mãe, ou somente pelo pai, entre tantas outras formas existentes. Uma vez que a construção familiar ganhou outro formato, por

sua vez, a escola também deve mudar em virtude de receber os alunos adequadamente, baseados na realidade em que eles vivem.

Atualmente, frente ao contexto de vida das famílias, a escola precisa rever conceitos e práticas que auxiliem a lidar com novos paradigmas que despontam no âmbito familiar. As tradicionais festas para pais e mães, com cartões referindo mensagens aos progenitores, necessitam ser repensadas diante da mudança dos valores culturais. Muitas crianças não possuem junto de si pai e mãe, sendo criadas em novos estilos de famílias que se estabelecem conforme a necessidade e a possibilidade dos membros que a compõem. Isto desafia a escola a uma outra visão que seja capaz de, na prática, lidar com diferentes situações apresentadas pela conflitantes histórias de vida dos alunos. (BARBOSA, 2004, p.35-36)

Diante dessa situação, a escola não pode realizar práticas que excluam os alunos que não participam do formato de uma família tradicional. Todo o sistema educativo merece ser repensado, a programação planejada seja de conteúdo, brincadeiras, festas, eventos, tudo deve ser pensando em prol dos alunos, para que eles participem ativamente, se vejam como partes integrantes e não como meros ouvintes, que se sentem distante do contexto escolar.

A escola por mais que não queira ainda reproduz preconceitos criados na sociedade, a começar com os livros didáticos que resume a história dos afrodescendentes a um tempo de escravidão, não conta como foi construída a riqueza do Brasil e nem quem contribuiu para isso, não trazem a cultura dos diferentes povos e quando trazem relatam de forma resumida, quando vão lembrar dos índios só falam em uma data comemorativa, como se eles não existissem no resto do ano, a história e cultura dos afrodescendentes só é vista nas escolas no dia da consciência negra, e esses são uns dos mais variados tipos de preconceitos existentes na sociedade e reproduzidos na escola.

Frente a isso, também tem no ambiente escolar diferentes atos de preconceitos e discriminações entre alunos-alunos, que é chamado por Bullying, que são atitudes agressivas cometidas por alunos de maneira física ou por palavras repetitivas com outros alunos que são apelidados por ser gordo, magro, baixo, alto, negro, homossexual, ou de outra religião, e com isso eles sofrem bastantes e muitas vezes por não aguentar a pressão entram em depressão ou cometem até o suicídio.

Ocorre quando um ou mais alunos passam a perseguir, intimidar humilhar chamar por apelidos cruéis, excluir, ridicularizar, demonstrar comportamento racista e preconceituoso ou, por fim, agredir fisicamente, de forma sistemática, e sem razão aparente, um outro aluno (RAMOS, 2008, p.1-2)

É a partir dessas situações é que a escola deve intervir através de suas práticas de ensino com assuntos que dizem respeito ao preconceito e a discriminação pelo próximo. Pois,

Mais preocupante é o fato que o preconceito e a discriminação muitas vezes resultam em situações em que pessoas são humilhadas, agredidas ou acusadas injustamente simplesmente pelo fato de fazerem parte de algum grupo social específico. Nota-se que estas práticas discriminatórias no ambiente escolar tem como principais vítimas os alunos, especialmente negros, pobres e homossexuais, com médias de 19%, 18% e 17% respectivamente para o índice percentual de conhecimento de situações de bullying nas escolas entre os diversos públicos pesquisados. (MAZZON, 2009, p.7)

Envolver toda a escola, pais e comunidade com debates, palestras, orientações, reuniões, de forma que conscientize todos da necessidade de respeitar as diferenças, de aceitar que o outro é diferente, mas, possuem os mesmos direitos, e merecem ser respeitados por todos. Para que assim os alunos não cresçam e se tornem pessoas agressivas incapazes de viver no meio social.

A partir dessas situações a escola deve se manifestar, realizar movimentos para transformar essa realidade, fingir que essas atitudes são brincadeiras de menino e que logo vai passar, torna a escola reprodutora do preconceito, e ainda contribui para o crescimento de pessoas individualistas, agressivas, competitivas, que pensam somente no seu bem estar, tornando-se indiferentes a diversidade.

Geralmente a escola tem dificuldade em lidar com a diversidade, por não terem professores preparados, qualificados e bem informados sobre como trabalhar os mais diferentes tipos de diversidades, ou também, por terem profissionais preconceituosos mesmo que sejam bem informados não admite a diversidade do outro. As diferenças devem ser trabalhadas no espaço escolar e não esquecidas, por isso, o ideal é conhecer o que os alunos precisam, o que eles pensam, tem interesse, reconhecendo que a realidade dos alunos interfere no andamento do ensino-aprendizagem e que eles não são sujeitos homogêneos.

A escola também tem dificuldade em manter na escola os grupos que sofrem preconceito e discriminação, como os afrodescendentes e o LGBTs, já que eles são discriminados, sofrem agressões verbais e físicas e por isso não aguentam a pressão e se afastam não querem mais estudar. No entanto esse problema se torna invisível para a escola, que muitas vezes colocam a culpa nesses sujeitos relatando que eles não querem estudar, sem ao menos analisar os motivos que causam essa evasão.

Uma pesquisa feita em 2009 pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) afirma que o preconceito e as práticas discriminatórias estão presentes na escola, sendo que

todos os profissionais que fazem parte da escola, especialmente os alunos são preconceituosos. As questões de gênero, étnico racial e deficientes são os que mais sofrem no ambiente escolar.

A análise dos resultados da pesquisa revelou que os diversos públicos-alvo (diretores, professores, funcionários, alunos e pais / mães) apresentam atitudes, crenças e valores percebidos que indicam que o preconceito é uma realidade nas escolas públicas brasileiras nas sete áreas temáticas de discriminação pesquisadas (étnico-racial, de deficiência, de gênero e orientação sexual, geracional, socioeconômica e territorial). A área temática que apresentou os maiores valores para o índice ponderado percentual de concordância com as atitudes discriminatórias foi a que exprime a discriminação em relação a gênero (38,2%), seguida pelas áreas referentes à discriminação geracional (37,9%), em relação à deficiência (32,4%), à identidade de gênero (26,1%), à socioeconômica (25,1%), à étnico-racial (22,9%) e à territorial (20,6%).(MAZZON, 2009, p.6)

Essa pesquisa foi realizada com 500 escolas públicas com todos que fazem parte da instituição e também com os pais, verifica assim, que a realidade do preconceito se faz presente nas escolas, o que nós faz pensar que algo merece ser feito para mudar esses dados, de modo que seja superado qualquer ato de preconceito existente.

Como se pode ver nessa pesquisa as escolas estão mais que entrelaçada com essas questões, ela não pode se isentar do seu papel como instituição formadora de sujeitos. É essencial lembrar que ela é referencia na sociedade e como tal deve trabalhar para garantir igualdade e respeito, é assim torna possível uma escola que é contra o preconceito, a ignorância, a violência, o racismo e acabar de vez com esse ideal antiquado.

Preocupando com essas questões é que as escolas podem chegar um dia a ser humanizadoras e não só por meio de palavras, mas, por atitudes decisivas e significativas na vida desses sujeitos que sofrem tanto por não ser do jeito que a sociedade “moderna” quer. É só assim, por meio da formação que a escola proporciona aos indivíduos que estão em processo de construção social o melhor ensinamento que é o de conviver com os outros seres humanos respeitando seus direitos e aceitando as diferenças.

Consta na Constituição Federal de 1988, que a educação é um direito de todos e deve ser disponibilizada de forma gratuita, como podemos ver logo a seguir:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

Se a educação é feita para todos, logo isso nós faz pensar que todos sem distinção de gênero, classe, cor ou religião tem direito de frequentar uma escola, tem a liberdade de expressar seu pensamento, de aprender, tem o direito de receber o mesmo tratamento que deve ser expressado de maneira igual e justa, independente do ritmo de aprendizagem e do grau de dificuldade que cada um tenha.

As leis criadas são para garantir e preservar o direito de todos, sendo assim, a escola deve proporcionar uma educação democrática, onde todos participem igualmente. Feita não para oprimir os alunos, mas, para da liberdade deles crescerem e aprenderem através de seus próprios meios, de acordo com seu ritmo e tempo, sem discriminar ou excluir alguém. Paulo Freire relata que,

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros sujam a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedade em que se faz isso em que se queimam igrejas de negros se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia. Pensar e fazer errado, pelo visto, não tem mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não tem nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez. (FREIRE, 2002, p. 17)

De acordo com Freire (2002) não admitir qualquer ato discriminatório e preconceituoso por causa da raça ou do gênero é a forma mais inteligente para garantir que a democracia seja exercida. Sabendo que a educação é um direito de todos, e que deve ser realizada de forma democrática, porque grande parte das pessoas na sociedade não quer aceitar o novo, aceitar e valorizar as diferenças, de nada adianta pensar no que é certo se ainda continuarem com atitudes preconceituosas e excludentes com as pessoas que não segue o padrão estabelecido pela sociedade.

Fora disso, me emaranho na rede das contradições em que meu testemunho, inautêntico, perde eficácia. Torno-me não falso quanto quem pretende estimular o clima democrático na escola por meios e caminhos autoritários. Tão fingindo quanto quem diz combater o racismo mas, perguntando se conhece Madalena, diz: “Conheço-a é negra mas é competente e decente”. Jamais ouvi ninguém dizer que conhece Célia, que ela é loura, de olhos azuis, mas é competente e decente. [...] A conjunção mas aí, implica um juízo falso, ideológico: sendo negra, espera-se que Madalena nem seja competente nem decente. Ao reconhecer-se, porém, sua decência e sua competência a conjunção mas se tornou indispensável. No caso de Célia, é um disparate que, sendo loura de olhos azuis não seja competente e decente. Daí o não-senso a adversativa. A razão é ideológica e não gramatical. (FREIRE, 2002, p.27-28)

As ações no dia-a-dia é que demonstra se temos ou não preconceito, atitudes discriminatórias como essa marca o nosso cotidiano, o negro sofre muito com piadinhas como se ele não fosse capaz de ser competente, honesto, e uma pessoa branca apenas por possuir essa cor já nasce capaz, honesto, bom, possuidores de direitos dos quais são negados aos negros, acontecendo assim uma distinção por causa da cor.

Será mesmo que excluir uma pessoa do convívio social por ela ser considerada diferente é o certo, não podemos ficar calado enquanto essas atitudes antidemocráticas se instalem no nosso meio social, devemos sim pensar e agir, pois, nossas ações é que vão fazer a diferença e garantir que nossos direitos sejam cumpridos.

1.1 Gênero e Sexualidade: quebrando tabus

Sabemos da necessidade em debater sobre temas que causam muitas vezes constrangimentos entre os integrantes da escola como também na sociedade, considerados por alguns desnecessários e impróprios para um ambiente escolar. Como por exemplo, a sexualidade, que ainda é um assunto considerado um tabu para a população.

Sexualidade, por sua vez, é um conceito que freqüentemente se confunde com gênero. Enquanto gênero aponta para as formas pelas quais sociedades e culturas produzem homens e mulheres e organizam/dividem o mundo em torno de noções de masculinidade e feminilidade, a sexualidade tem a ver com as formas pelas quais os diferentes sujeitos, homens e mulheres, vivem seus desejos e prazeres corporais, em sentido amplo (MEYER, 2007, p.16)

No entanto, a sexualidade é um assunto sério, que merece um maior destaque nas escolas, já que os alunos estão em processo de formação e se descobrindo fisicamente e afetivamente. É uma questão que está sendo cada vez mais discutido por todos os lugares do mundo, tornando assim um conteúdo indispensável de ser ensinado dentro da sala de aula.

A sexualidade envolve inúmeros aspectos pessoais – histórias de vida, crenças, valores, diversidade, pluralidade e sentimentos – e também sociais, políticos, culturais e econômicos. Tratar o tema nem sempre é fácil, enfrentar resistências, particularmente quando se refere á sua inclusão no currículo escolar. A escola, que cotidianamente produz e reproduz modelos de sexualidade, nem sempre consegue explorar toda sua potencialidade e dimensão. (FERRERIA; LUZ, 2009, p.33)

Geralmente quando pensamos na sexualidade de uma pessoa pensamos no sexo propriamente dito, ou seja, desde pequeno somos ensinados a diferenciar esses dois tipos de sexo, que é o sexo feminino e o sexo masculino, esquecendo que esse termo sexualidade é

bastante amplo, relativo, e pessoal, pois manifesta em cada individuo de forma diferente, ligado a fatores genéticos e culturais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais defende e estabelece a inclusão da temática sexualidade no currículo escolar, no intuito de satisfazer as dúvidas e curiosidades dos alunos, proporcionando assim uma orientação sexual ligada a diversas facetas na vida dos alunos.

A partir de meados dos anos 80, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou em virtude da preocupação dos educadores com o grande crescimento da incidência de gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da infecção pelo HIV (vírus da Aids) entre os jovens. Antes, acreditava-se que as famílias apresentavam resistência à abordagem dessas questões no âmbito escolar, mas atualmente sabe-se que os pais reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre o assunto em casa. Uma pesquisa do Instituto DataFolha, realizada em dez capitais brasileiras e divulgada em junho de 1993, constatou que 86% das pessoas ouvidas eram favoráveis à inclusão de Orientação Sexual nos currículos escolares. (PCN, 1997, p.291)

Diante dessa questão, de evitar uma gravidez indesejada e de adquirir uma doença como a AIDS, ampliou-se os debates em relação a essa temática nas escolas a pedido dos próprios pais, devido não terem um conhecimento mais amplo alguns pais preferiam que as escolas ensinassem sobre sexualidade aos seus filhos, também, eles tinham dificuldade e ficavam constrangidos de falar sobre esse assunto em casa passando a tarefa para a escola. No entanto,

De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto-referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação. (PCN, 1997, p.299)

A escola deve trabalhar sobre orientação sexual sim, mas, a família também tem responsabilidades e deveres em relação a essas questões, não pode somente passa para a escola esse tarefa e acreditar que ela vai resolver tudo, pois, cada individuo já trás consigo crenças instituídas dentro da família e que não pode ser deixadas de fora da escola.

Nesse contexto, a escola, como uma das instâncias sociais responsáveis pelo desenvolvimento individual e coletivo dos sujeitos, tem demonstrado bastante fragilidade na condução do processo educativo de desconstrução de preconceitos e discriminações socialmente adquiridos, de modo que a abordagem educativa sobre, e com, a diversidade de orientação sexual é por muitas vezes, produzida e reproduzida no próprio ambiente escolar, conforme indicam pesquisas e estudos realizados acerca dessa problemática. (JOCA, 2008, p.16)

Entretanto, abordar esse tema só irá contribuir para que os alunos se conheçam mais, tirem suas dúvidas, e acabem com qualquer tipo de preconceito existente por parte deles, também ajudara orientá-los como certas coisas acontecem, o porquê deles fazerem determinadas ações em seu corpo, sabendo dos processos naturais e normais que cada um passa. Pode-se dizer que a sexualidade é a maneira em que os indivíduos vivência individualmente suas descobertas. Assim,

[...] Sexualidade não é sinônimo de sexo, é muito mais que isso: é energia que possibilita encontros, trocas e experiências; influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, tem a ver com saúde física e mental do ser humano. (FERRERIA; LUZ, 2009, p.33)

As pessoas tratam a sexualidade como se fosse o sexo propriamente dito, entretanto é uma questão que envolve muitos outros fatores que merecem ser levados em conta no processo de ensino-aprendizagem nas escolas. É um conteúdo que não pode ser excluído nos assuntos trabalhados pelos professores, já que ele pode interferir na vida pessoal dos alunos e consecutivamente no andamento do conhecimento escolar deles.

As pessoas só vão mudar sua forma de pensar e agir a partir do conhecimento que elas adquirirem, quanto mais informado um sujeito é, mais aberto ao novo ele ficará. Diante disso, quanto mais a escola passa informação, realizar debates, fazer palestras, discutir questões que causam preconceito, discriminação ou racismo, mais conhecimento a comunidade, pais e alunos terão, e com isso, mais respeito e aceitação existira na sociedade, pois, só aceitamos aquilo que conhecemos.

São muitas temáticas que devem ser trabalhadas nas escolas, como por exemplo, a questão do gênero, que muitas vezes é confundida por sexo feminino ou masculino, sendo que ela engloba outros fatores.

Dessa maneira, a perspectiva queer não se limita apenas ao processo de desconstrução das categorias _- masculinidade/ feminilidade e heterossexualidade/homossexualidade. Todavia, estaria implicando nesse processo, também, o aspecto plural e instável da sexualidade dos sujeitos, uma vez que não nasceríamos heterossexuais ou homossexuais e, tão pouco, estaríamos fadados, aprisionados ás demais categorias identitárias – gays, lésbicas, travestis, transexuais, bissexuais – mas sim, nos constituiríamos enquanto sujeitos sexuais, com possibilidades múltiplas de construir e reconstruir com nossas descobertas e experiências, nossa sexualidade, independente do gênero e do sexo. Sujeitos sexuais constantemente inconclusos, instáveis e inacabados, sujeitos de identidades “cambaliantes”, “flutuantes”, Com possibilidades diversas. (JOCA, 2008, p.63-64)

Assim, quando falamos em sexo estamos se restringindo aos aspectos físicos que existem em nosso corpo, que não muda de uma hora pra outra, mas quando falamos em gênero estamos englobando as relações construídas socialmente por qualquer pessoa, ao longo do tempo e de diversas formas.

Utiliza-se do termo sexo para distinguir a mulher do homem, onde a mulher é o sexo frágil, que não tem força, que só usam rosa, e o homem é o ser que não chora, que manda, até mesmo hoje em dia na maioria das escolas trabalham uma educação sexista, mesmo sem ser de forma intencionada. Mas muitas coisas mudaram, as mulheres podem e fazem tudo o que os homens fazem e vice versa.

A forma como a sexualidade é percebida e vivida sofre interferência de uma conjunção de fatores, destacando as relações de poder e, particularmente, as de gênero. Essas, tradicionalmente, trazem em seu âmago construções de masculino e de feminino nas quais a sexualidade é vista, ensinada e controlada de formas distintas quando se trata de homens e mulheres (FERRERIA; LUZ, 2009, p.36)

É como se a sexualidade pudesse ser ensinada para o homem de maneira normal, detalhada, aberta, pois, é uma coisa de macho, masculina, já a mulher um ser recatado não pode conhecer sobre essas coisas, que é feio, detalhar esse assunto para ela é imoral, é pecado, podendo ficar mal vista na sociedade. Mas, na verdade o que vemos ai é uma discriminação escondida de gênero que ainda existe na sociedade, onde o homem pode tudo e a mulher nada pode.

A mulher antigamente era criada para ficar em casa, cuidar dos filhos, lavar roupa e obedecer aos pais e marido, no entanto as transformações foram acontecendo e ela foi ganhando espaço na sociedade, antes não podia frequentar escola, trabalhar, votar, participar de movimentos nas ruas, não tinha direito a nada. Hoje as mulheres já conquistaram muito espaço na sociedade, votam, participam da política, tomam suas próprias decisões, são independentes, possuem altos cargos nas mais diferentes profissões, tudo conquistado por meio de movimentos e lutas em prol dos seus direitos.

Mas, sabemos que ainda há muita coisa para ser feito, embora as mulheres ganharam mais espaço na sociedade, sabemos que ainda existe um grande preconceito com elas, mesmo as mulheres possuindo os mesmo cargos que um homem elas ganham um valor inferior ao deles, poucas mulheres estão na política, ainda existem mulheres submissas aos homens, que são violentadas, desrespeitadas, agredidas seja por palavras ou fisicamente, que só fazem o que os homens mandam, tudo isso por ainda viverem em uma cultura machista.

A violência doméstica, uma das inúmeras formas de expressão dessa violência, por longo tempo foi tratada como algo da esfera familiar, o que afastava a intervenção do poder público e permitia que, na ausência de relações de afeto e proteção, imperasse a lei do mais “forte” em grande medida personificada em uma figura masculina que, no uso arbitrário de sua força física, considerava-se com direitos de subjugar, humilhar ou mesmo agredir outros familiares. (LUZ, 2009, p.47)

A maioria das violências cometidas contra as mulheres acontece dentro da sua própria casa, mas, elas ficam caladas com medo de denunciar seus companheiros, já que elas vivem ameaçadas de morte, tem receio de tomarem seus filhos, de agredirem seus familiares, com isso ficam em dúvida se denunciar ou não.

A violência contra a mulher é algo hoje em dia bastante visível, antes também já existia só que era escondido, considerado normal, não tinha leis que proibisse atos cruéis assim contra as mulheres. Hoje em dia tem a Lei Maria da penha Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006, criada para,

Art. 1º Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

Art. 2º Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

Art. 3º Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Lei na qual garante os direitos fundamentais para qualquer ser humano e protege a mulher de qualquer ato de agressão, porém, muitos homens desobedecem a essa lei, e maltratam suas companheiras. As mulheres hoje em dia participam de movimentos feministas que buscam garantir seus direitos, lutam por um reconhecimento igualitário entre os sexos.

A violência contra a mulher ganhou visibilidade graças à luta e organização feminista que retirou o tema do âmbito privado, politizou a discussão e questionou as relações de poder que reproduziam e naturalizavam esse grave problema social. (LUZ, 2009, p.47)

As mulheres cansaram de piadinhas de mau gosto, ofensivas que denigre sua imagem, que tiram sua liberdade de ir e vim. São necessárias mudanças mais consistentes para acabar de vez com qualquer tipo de ameaça que a mulher possa sofrer, por ser um problema social as escolas devem fazer sua parte para ajudar acabar com esse problema, pois, é por meio da educação que as pessoas podem ficar informada, orientada, para assim poderem contribuir contra atos criminosos deferidos contra as mulheres.

A escola, dessa forma, pode reproduzir papéis de gênero e modelos de sexualidade que oprimem, mas que também podem construir relações que libertem e nas quais a dignidade humana e a igualdade de direitos poderão ser princípios norteadores. A legislação brasileira traz essa perspectiva, prevê a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres e estabelece entre os objetivos da República Federativa a promoção do bem de todas as pessoas, sem preconceito ou qualquer outra forma de discriminação. A concretização desse objeto depende de reflexões sobre gênero e sexualidade, para que essas categorias deixem de ser utilizadas para classificar, discriminar e excluir e contribuir para a criação de novas formas de abordagem que desconstrua preconceitos e discriminações – atividades que pode ser assumida pela escola. (FERRERIA; LUZ, 2009, p.37)

A escola deve debater a relevância do papel da mulher para o desenvolvimento da sociedade; como ela contribuiu (e contribui) significativamente para o progresso da história, desmistificado assim, uma imagem de pessoa submissa, um objeto a ser usado, que gosta de apanhar e que nasceu somente para reproduzir e cuidar. Acabar de vez com pensamentos que justificar determinadas agressões por ser consideradas naturais, principalmente quando vem por parte de pessoas que não tem estudos. Pois,

A violência contra a mulher não tem classe, raça ou etnia, nível de instrução, religião, geração, geografia... A hierarquia entre os gêneros aliada a uma cultura que naturaliza e justifica a violência, possibilitou uma verdadeira democratização desse mal social (LUZ, 2009, p.56)

Violência é violência em qualquer parte do mundo, tendo ou não estudo, rico ou pobre, nenhum ato violento contra a mulher tem justificativa. O que podemos ver ai é a existência de uma sociedade criada em uma cultura sexista, machista, que diferencia os direitos das pessoas através do gênero, como se isso fosse possível.

Sabemos como é importante ter uma sociedade bem informada, e a escola pode contribuir com discussões desse tipo, com assuntos que leve os alunos a refletir de maneira crítica no seu meio social, sobre suas ações diárias, de modo que eles possam mudar atitudes preconceituosas e machistas contra as mulheres e contra os homossexuais, que como sabemos também são vitimas da sociedade.

Os homossexuais também sofrem muito na sociedade, pois, são vistos de forma preconceituosa, sofrendo discriminações por grande parte da população, embora, a maioria das pessoas dizem não ter nenhum tipo de preconceito, que aceitam numa boa, mas, bem sabemos que isso não é verdade, já que elas fazem brincadeiras, piadas que também são atos preconceituosas, mesmo que eles não considerem isso. Em virtude disso,

No conjunto das conquistas político-sociais da atuação do Movimento LGBT, se enquadra a sensibilização da população de modo geral para as formas de discriminação por orientação sexual, que tem levado estudantes a abandonarem a escola, por não suportarem o sofrimento causado pelas piadinhas e ameaças cotidianas dentro e fora dos muros escolares. Esses mesmos movimentos têm apontado a urgência de inclusão, no currículo escolar, da diversidade de orientação sexual, como forma de superação de preconceitos e enfrentamento da homofobia. (CARRARA, 2009, p.24-25)

Grande parte da sociedade considera essas relações com o mesmo sexo como coisas inventadas, como um tipo de doença, ou seja, algo que não é natural, tratando esse assunto de forma preconceituosa, sem compreender e nem aceitar essas diferenças. Daí é que o papel do professor se torna fundamental ao ensinar a seus alunos essas diferenças, procurando abrir suas mentes para novos conhecimentos, para que eles compreendam que todo mundo é diferente cada um tem suas características, tem suas vontades, e que não podemos tratar o outro com discriminação.

Enfim, entendemos que esse deve ser um compromisso de desconstrução dos preconceitos por livre orientação e expressão sexual não apenas de grupos e ONGs criadas por lésbicas e gays, mas de todas as demais organizações, de toda a sociedade e, particularmente, do Estado, que não pode continuar assumindo uma postura de omissão frente às múltiplas formas de opressão em que são vitimados(as) cotidianamente mulheres e homens não heterossexuais. (FERNANDEZ et al. 2007, p.73)

O Estado não pode fingir e deixar que os homossexuais continuem sendo agredidos, é importante criar medidas, programas e projetos que possam mudar essa realidade. Todos da sociedade também devem fazer seu papel que é ir contra atitudes preconceituosas, ampliando seus conhecimentos, para que assim aceitem as diferenças que existem entre as pessoas.

Ainda é difícil para a sociedade entender que o outro pode gostar do sexo oposto, tanto é que varias pessoas tem homofobia que é o medo e o desprezo que alguns indivíduos sentem pelas pessoas que gostam do mesmo sexo, causando assim preconceito, violência, exclusões sociais e educacionais colocando as pessoas em subcategorias, essas violências podem levar até a morte.

Todas as pessoas que tem essas relações sofrem desigualdades, se sente inferiores, tem seus direitos desrespeitados, e isso acontece por causa da falta de conhecimento da sociedade, e na maioria das vezes tem o conhecimento, mas não querem aceitar, então o certo seria os professores passarem esse conhecimento de uma forma aberta sem preconceitos e nem distinção, falar então da diferença de gênero e não de sexo tornando visíveis as diferenças que o ser humano tem.

Portanto é preciso que as escolas junto com os professores ensinem essas diversidades e valores existentes, para que sejam aprendidos pelos alunos e respeitados entre todos, construindo assim uma relação democrática independente de classe econômica, religião, cor ou gênero, evitando assim a exclusão social, construindo uma sociedade mais justa.

O educador tem sua opção sexual e seus alunos têm a deles, porém, ele tem o comprometimento com seu trabalho ficando o direito dele de respeitar e de estar disposto as diferenças. Ele tem que aproveitar os conflitos existentes para abordar e discutir esses assuntos. A escola é um espaço de socialização e um lugar que se aprende muito por isso é um ambiente importante de discutir essas relações de diferenças. Pois,

A escola configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos LGBT- muitos/as dos/as quais vivem, de maneiras distintas, situações delicadas e vulneradoras de internalização da homofobia, negação, autculpabilização, auto-aversão. E isso se faz com a participação ou a omissão da família, da comunidade escolar, da sociedade e do estado. (JUNQUEIRA, 2009, p.15)

A escola ainda é um lugar em que alunos ainda sofrem perseguição, principalmente os da classe LGBT, esse por sua vez se sentem com medo, repressivos em assumir sua identidade, não tem apoio por parte da família e nem da sociedade, como também da escola em que fazem parte por não abordar esse assunto de maneira mais clara, fazendo com que eles neguem sua opção sexual.

Tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na vida escolar e profissional de jovens e adultos LGBT. Essas pessoas vêm-se desde cedo às voltas com uma “pedagogia do insulto”, constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes – poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica. Por meio dessa pedagogia, estudantes aprendem a “mover as alavancas sociais da hostilidade contra [a homossexualidade] antes mesmo de terem a mais vaga noção quanto ao que elas se referem. (SULLIVAN, 1996, p.15)

Nesse sentido, esses alunos passam por momentos constrangedores, que de alguma maneira interfere na vida pessoal, escolar e profissional deles. São situações vividas dia após dia dentro e fora da escola, que prejudica o psicológico e afetivo desses alunos, pois, eles estão mais suscetíveis a ficarem tristes, deprimidos, diminuídos, se sentindo como se não fossem iguais aos outros.

A escola tem demonstrado bastante dificuldade em estabelecer relações sociais com os sujeitos LGBTT, uma vez que tem se configurando como um espaço de produção e reprodução das diferenças, reafirmando as relações sexuais hegemônicas, principalmente, no âmbito das questões de gênero e de orientação sexual. (JOCA, 2008, p.97)

Os alunos que cometem esse tipo de brincadeira, piada, não sabem o mal que causam a seus colegas. Podem até achar que não é nada demais essas ofensas, que é apenas uma forma de se divertir, no entanto, quem sofrem com isso não considera uma brincadeira, eles levam a sério e sofrem muito por isso, chegando a depressão.

Hoje vemos muitos casos onde crianças, jovens e até mesmo adultos cometem suicídio, tirando sua própria vida por não aguentar tanta pressão, humilhação e preconceito por parte de outras pessoas. Por se sentirem excluídos na sociedade, os que sofrem preconceito e discriminação querem deixar de estudar, de sair, de viver, pois, a vida deles se torna um abismo escuro.

Os efeitos disso se fazem sentir de modo transversal exponencial. O prejuízo é geral; o desconforto, permanente; e o risco de violência paira constantemente no ar. É preciso, assim, atentar para o fato de que a lógica de “homossociabilidade homofóbica” própria de determinados espaços sociais (como Bares, times e torcidas organizadas de futebol, forças armadas, internatos, conventos, seminários etc.) pode encontrar, no interior das escolas novos meios e oportunidades para produzir, reproduzir ou alimentar mecanismos de discriminação e violência contra estudantes mulheres LGBT, bem como todo indivíduo cujo expressão de gênero parecer destoar da tida como convencional. (JUNQUEIRA, 2009, p.22)

Os homossexuais sofrem muita violência seja ela física ou verbal em vários ambientes públicos como Junqueira cita acima, ambientes esses que fazem parte da vida de qualquer sujeito, mas, para quem sofre discriminação frequentar esses lugares se torna uma árdua tarefa, já que sempre existe indivíduos preconceituosos que causam confusão, ofendem com palavras absurdas que magoam os homossexuais.

Essa invisibilidade a que estão submetidas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais comporta a sua exclusão enquanto tais do espaço público e, por isso, configura-se como uma das mais esmagadoras formas de opressão. É inquietante notar que alguém que não pode existir, ser visto, ouvido, conhecido, reconhecido, considerado, respeitado e tão pouco amado por ser odiado. (JUNQUEIRA, 2009, 30)

É incompreensível aceitar que ainda haja pessoas desinformadas, ignorantes, preconceituosas que discriminam e maltrata o outro por ser diferente. Os homossexuais passam despercebidos na sociedade, como se eles não tivessem os mesmos direitos e oportunidades no seu meio social, se tornam invisíveis apenas por não seguir os mesmos padrões instituídos pela sociedade.

Os homofóbicos estão por toda parte, atacam os homossexuais, agredem, matam, como se não estivesse lidando com seres humanos. Tem ódio e raiva por pessoas que eles nem conhecem pelo simples fato de serem diferentes das suas crenças. A “[...] homofobia é a modalidade de preconceito e de discriminação direcionada contra homossexuais”. (RIOS, 2009, p.59). Rejeitam essas pessoas por acharem que são anormais, doentes e que por isso podem contaminar a sociedade.

Sendo que isso é uma visão extremamente equivocada, triste, banal. Como pode alguém sentir ódio por outra se ao menos conhecer sua história, sua cultura, a pessoa que ela é. Vivemos num mundo cheio de preconceito e discriminação, Rios (2007, p.113) relata que,

Por preconceito, designam-se as percepções mentais negativas em face de indivíduos e de grupos socialmente inferiorizados, bem como as representações sociais conectadas a tais percepções. Já o termo discriminação designa a materialização, no plano concreto das relações sociais, de atitudes arbitrárias, comissivas ou omissivas, relacionada ao preconceito, que produzem violação de direitos dos indivíduos e dos grupos.

Hoje em dia a LGBT vem conquistando diversos direitos, como a efetivação de políticas públicas, a união civil do mesmo sexo, criminalização para a homofobia, reconhecimento da identidade de gênero que é o direito da pessoa se identificar ao gênero oposto ao biológico. Mas ainda faltam muitas conquistas para essas pessoas que sofrem discriminação seja ela qual for.

O preconceito é uma coisa que está embutida na cabeça das pessoas, ou seja, até as pessoas que sofrem preconceito sem perceber elas mesmo tem preconceitos e não admitem, realmente está muito longe dessas discriminações acabarem, mas, pelo menos podemos fazer nossa parte que é a de aceitar as diferenças, pois, ninguém é igual a ninguém, e evitar que esses pensamentos de mal gosto que é de uma pobreza tamanha seja usada para prejudicar o próximo.

A questão da religiosidade também merecer ser discutida nas escolas, por ser um assunto que sofre preconceito, e é visto de forma equivocada por algumas pessoas na sociedade, Leal (2005, p.25), relata que,

Por religião entendemos uma prática que abarca o sujeito nas mas variadas situações, isto é, que se manifesta por meio de crença, fé, conjunto de dogmas, devoção, reverências a coisas sagradas etc. Todos esses elementos estão presentes na vida do indivíduo; são-lhe inerentes.

È uma manifestação que já nasce com o indivíduo, que vem de geração para geração, o que não pode ser negado na escola. É uma necessidade do ser humano na qual ele busca acreditar em algo além do vivenciado, com seu próprio jeito, sendo que o professor não pode mudar isso nos alunos.

Assim o fenômeno religioso é um elemento que compõe a identidade do sujeito. Com a questão da religiosidade está a confirmação de se fazer parte do mundo, habitar o mundo que, encantado e mágico, por vezes repleto de enigmas, foge a realidade ou á impressão. (LEAL, 2005, p.26)

Ela define as características de cada sujeito, o seu modo de viver, com costumes que são adquiridos de acordo com suas crenças, na qual da sentido a sua vida. A sociedade encontra-se vivendo uma época onde as diversidades são notadas e vivenciadas de forma mais clara pela população do que antigamente, no entanto, também o preconceito, a falta de respeito, os maus tratos por aquilo que é diferente ficou mais notável também.

Acreditamos, pois, que todas as crenças e religiões trazem no cerne de seus ensinamentos os valores humanos. É de suma importância eliminar a intolerância quer racial, quer religiosa, e procurar integrar as diferenças culturais, religiosas e raciais; e os valores humanos são indispensáveis para que isso aconteça; demonstrar a unidade na diversidade, o Deus único manifestando-se de múltiplas maneiras. (LEAL, 2005, p.35)

É importante eliminar qualquer forma de preconceito e exclusão mesmo que pequena ou que seja considerada brincadeira dentro da sala de aula. O papel do professor é orientar seus alunos, e esclarecer dúvidas, fazer com que eles respeitem e opinem, que tenham sua própria escolha, mas, que saibam respeitar e aceitar as escolhas dos outros também.

A escola por ser um espaço de formação de sujeitos, tem por dever de discutir temáticas consideradas tabus na sociedade. Mesmo com tanto desenvolvimento que a sociedade e a escola já passou e ainda vem sofrendo, é inegável que muita coisa ainda tem que mudar.

Grande parte da população já tem uma mentalidade atual, com pensamentos diferentes de antigamente, mas, ainda tem muitas pessoas preconceituosas, ignorantes, racistas, que não aceitam o novo e não respeitam as diferenças.

O espaço escolar, em sua materialidade, congrega pessoas que são social, política e economicamente diferentes em razão de idade, sexo, religião, interesses. Ele também replica, em seu interior, efeitos e relações do contexto mais amplo em que a escola se situa. E esses fatores externos à escola precisam ser articulados com suas características e relações internas, que constituem a especificidade dessa instituição e que envolvem a organização do tempo e do espaço, as regras disciplinares, as interações pedagógicas, as relações entre professores, entre professores e alunos e entre alunos. (MEYER, 2007, p.14 -15)

Essa relação que a escola deve ter com o meio externo é inevitável, já que ele também interfere no andamento do processo educacional. Diante disso, é relevante uma união entre o meio interno e o externo de modo que haja uma organização institucional e educacional voltada para todos. Construída e pensada para sujeitos diferentes, mas, com direitos iguais. Tendo em vista que o espaço escolar é composto pela diversidade, a escola por sua vez não pode ser feita de forma única, como se todos fossem iguais.

Negligenciar que dentro da escola a diversidade existe, impedindo que essas questões sejam trabalhadas na sala de aula, só aumenta mais ainda o tabu por parte dos alunos, professores e sociedade. Dificultando assim o reconhecimento e aceitação pelo que é diferente, pois, a escola agindo dessa forma impede o aluno de demonstrar sua própria identidade e seus interesses já que ele tem medo de sofrer repressões.

Por não se sentirem a vontade de demonstrar o que realmente sentem e pensam no ambiente em que eles vivem, os alunos, que se acham inferiores, diferentes dos demais, muitas vezes sofrem depressões, ficam tristes e afastados do convívio social, por terem medo de passarem constrangimentos, de ser humilhados e maltratados, se sentindo feios, sujos, pecadores, entre tantas outras coisas que passam na cabeça de quem sofre por preconceito e discriminação.

A sociedade deixa tudo por debaixo dos panos em relação a esses assuntos, como se não existisse preconceito, como se todos tivesse os mesmos direitos, mas, o que acontece não é realmente isso, o que vemos é um mundo desigual e injusto, então o papel da escola é ir além desse pensamento ultrapassado, fazer com que a escola se torne justa e igualitária, lógico que a escola não vai salvar a pátria, porém, ela pode melhorar fazendo sua parte pelo menos.

1.2 Valorização da identidade afrodescendente

A escola deve saber lidar com as diversidades de forma que saiba integrar esses assuntos nas matérias ensinadas dentro da sala de aula de maneira natural e não como os livros didáticos trazem, na qual são lembradas apenas em datas comemorativas, histórias pela metade, dia marcado, como se o resto do ano não fosse importante debater e lembrar essas questões.

São muitos os movimentos a favor da cultura negra pelo país, que lutam e reivindicam por uma sociedade igualitária, com oportunidades e direitos para todos, que sai do papel e seja reconhecida pelos indivíduos que nela habita. Em virtude disso, a educação é um das alternativas para a proliferação da cultura da população negra.

Sabemos que a educação sozinha não é capaz de mudar a realidade que vivemos, mesmo ela não sendo suficiente para melhorar por completo a vida da população afro-brasileira e africana que sofre há muito tempo com os preconceitos e com o racismo, ela é capaz de fazer a diferença e de discerni perante seus alunos a importância dessa cultura para o crescimento do país.

Deste modo, muitas leis foram criadas no intuito de inserir ainda mais dentro da escola toda a história de luta, sofrimento, cultura, preconceito, religião e de tudo que envolve e faz parte do passado e presente da população negra. A lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 11.645/2008 altera a Lei 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003, de 10 de março de 2008 propõem que seja colocado nos conteúdos ensinados dentro da sala de aula a história e cultura Afro-brasileira, Africana e indígena, como também deve ser disposto no currículo escolar. Como podemos ver a seguir,

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (BRASIL, 1996)

Observamos que todos os estabelecimentos de ensino são obrigados a introduzir no ensino conteúdos que esteja relacionado com a história e cultura afro-brasileira e Africana. De modo que os alunos conheçam a construção da história dos negros do Brasil e da África, fazendo com que eles reconheçam o valor dessa história, por meio de um ensino voltado para o respeito, reconhecimento e valorização dessa população. Pois,

A educação é por excelência uma oportunidade dos sujeitos aprenderem sobre o valor da cultura, e manterem contatos com as diferentes práticas culturais. [...]. Embora o Brasil seja mundialmente conhecido por seu caráter pluri e multi cultural, nem sempre a diversidade é contemplada em sala de aula, apesar de a escola ser composta por negros, brancos e índios. (CHAGAS, 2008, p.1)

A lei 11.645 vem sendo implantada aos poucos dentro do ambiente escolar, mas ainda falta muito para que ela seja inserida de forma adequada e igualitária. A escola pode sim realizar práticas que possam proporcionar aos alunos o contato com o multiculturalismo, já que ela é composta por uma grande diversidade, mas, na maioria das vezes a cultura do branco é a que prevalece.

Logo, explorar assuntos que possa acabar ou pelo menos diminuir o preconceito racial entre os alunos é fator preponderante para o bem estar do ensino-aprendizagem, da convivência entre alunos, professores, funcionários e comunidade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais nos relata que,

O tema Pluralidade Cultural propõe que sejam revistas e transformadas práticas arraigadas, inaceitáveis e inconstitucionais, enquanto se ampliam conhecimentos acerca das gentes do Brasil, suas histórias, trajetórias em território nacional, valores e vidas. O trabalho volta-se para a eliminação de causas de sofrimento, de constrangimento e, no limite, de exclusão social da criança e do adolescente. Além disso, o tema traz oportunidades pedagogicamente muito interessantes, motivadoras, que entrelaçam escola, comunidade local e sociedade: ampliando questões do cotidiano para o âmbito cosmopolita e vice-versa, colocando-se assim, simultaneamente, como objetivo e como meio do processo educacional. (BRASIL,1997, p.39)

Propõe que façam uma prática escolar com mudanças significativas, que envolvam todas as culturas que fazem parte do nosso país, com objetivos que todos participem e se sintam incluídos. Através de uma pedagogia que motive os alunos, que relacione a realidade vivida pelos alunos fora dos muros escolares com a o dia-a-dia da sala de aula. Onde eles se tornem parte integrante de todo o andamento do processo do ensino-aprendizagem.

A cultura afro-brasileira já faz parte da norma cultural das escolas e muitas ainda não a inseriram de forma adequada. A LDB em sua lei trouxe e fala que as temáticas da diversidade tinham que ser estudadas na escola. A LDB deixa claro que se ensine a história e cultura afro-brasileira e africana como uma disciplina, e não apenas como conteúdos resumidos na matéria de história, pois, só assim o ensino poderá ficar igual perante todos, mostrando que existem variadas culturas que devem ser respeitadas, independente da sua opção. A Lei nº9.459, de 13 de maio de 1997 nos diz que,

“Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.”

“Art. 20º Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Pena: reclusão de um a três anos e multa. (BRASIL, 1997)

Assim essa lei vem para ajudar acabar ou pelo menos amenizar esses pensamentos de discriminação racista, ela surgiu por causa dos movimentos, das reivindicações feitas e das muitas lutas para acabar com o racismo e preconceito existente há muito tempo atrás. Diante disso, punir que não respeita o outro por ser diferente e ter suas próprias escolhas é o caminho mais viável para acabar com essa realidade tão cruel que vivenciamos.

Essa lei é muito importante, pois, olha para o lado anti-racista na escola e na sociedade, além do que mostra a necessidade dos professores inserirem essas questões dentro da sala de aula. As mudanças na LDB vêm para mudar o ensino e ajudar os educadores a terem uma postura igualitária, mostrando os valores dos negros na sociedade, fazendo com que se tenham mais respeito pela história e cultura afro-brasileira que tanto influenciou nosso país.

Vários elementos culturais dos negros como a dança, a música, a culinária e a religião influenciaram na cultura brasileira e estão ganhando cada vez mais espaço no Brasil. Não devemos então esquecer que essas questões culturais fizeram o nosso País rico, por isso, é inadmissível esquecer sua história e desprezá-la.

Assim, o professor junto com a escola tem que deixar de lado seus gostos e seus costumes, ou seja, ser neutro, para manter um ensino igualitário, onde todos podem opinar, falar e mostrar sua cultura evitando assim a exclusão social que é um problema no Brasil. Além disso, tem o preconceito racial, a desigualdade econômica, que aos poucos estão diminuindo, mas, ainda está longe de acabar.

A discussão sobre essas temáticas em relação à escola, faz com que as pessoas reflitam a respeito da violência que esses preconceitos e essa falta de conhecimento podem resultar.

Causando assim uma desordem na escola, prejudica também as atividades escolares e a relação das pessoas entre si, e na vida pessoal de cada um.

Geralmente quando falamos em violência, pensamos logo na agressão física, mas existem variadas formas de violência, que são feitas através da palavra dita, dos insultos, dos preconceitos seja ele de classe social, etnia, ou religião. Com essa falta de respeito com as diversas culturas, faz com que o preconceito aumente cada vez mais. Por isso, implantar essas leis nas escolas é de suma importância para garantir que os direitos de todos sejam respeitados.

Os Direitos Humanos são direitos que pertencem a todos os seres humanos, em razão da dignidade que possuem. A dignidade, portanto, é o fundamento dos Direitos Humanos estabelecido na maior parte dos documentos e leis internacionais dessa área. Eles são direitos que não deixam de existir, nem podem ser retirados das pessoas, porque ninguém perde sua condição de ser humano. Esses direitos são considerados fundamentais porque, sem eles, a pessoa não é capaz de se desenvolver e de participar plenamente da vida. (BRASIL, 2008, p.14)

Portanto, pensar que o outro tem os mesmos direitos que a gente é de suma importância para entender que é preciso antes de qualquer coisa respeitar o outro do mesmo modo que gostaríamos que fosse com a gente. Desse modo, devem sim ser explorados cada vez mais esses conteúdos como matéria de ensino em todas as escolas do Brasil, para pelo menos amenizar as dúvidas e preconceitos existentes dentro da escola, para que então, com o tempo se espalhe por toda a sociedade, chegando aos ouvidos de toda a população, transmitindo aquele que não tem informação ou que não querem reconhecer que as diversidades existem por todo o meio social, e que todos têm os mesmos direitos e deveres, e que as leis estão aí para protegê-los.

Educar em Direitos Humanos é exigência colocada às escolas e demais espaços educativos, cabendo aos Conselhos Escolares, juntamente com outras instituições da comunidade escolar, estimular a sua permanente reflexão e apontar formas e mecanismos para sua viabilização. (BRASIL, 2008, p.45)

O preconceito e a discriminação vêm sendo muito discutida na sociedade, mas o conceito em si gera muitas dúvidas mediante a ponto de vistas e interesses diferentes. Diante disso, o que poderia a escola e o professor fazer para garantir o respeito e o direito de seus alunos em ter sua própria identidade, poder expressa sua cultura sem sofrer nenhum tipo de exclusão no seu convívio social, pois, a lei sozinha não pode mudar tudo. Portanto, a escola pode contribuir para garantir esses direitos dentro da escola, através de debates e palestras com temáticas em relação ao respeito humano. A capacidade do ser

humano de se construir é grande, por isso, é importante que sejam capazes de pensar, decidir, de ter autonomia e de não deixar que os outros ditem ou construam sua identidade, é assegurado a todo mundo construir sua própria história, seja ela qual for, pois, temos essa necessidade de lutarmos por aquilo que acreditamos e que achamos ser o certo.

Os Conselhos Escolares podem contribuir nesse processo educativo, por meio, por exemplo:

Do incentivo e apoio à organização de reuniões, palestras, debates sobre temas como discriminação, violência escolar, igualdade de gênero, igualdade étnico/ racial, entre outros;

Do acompanhamento e discussão das situações de desrespeito aos Direitos Humanos, para a busca de soluções conjuntas;

Da participação, junto com outros segmentos da escola, em campanhas informativas e de conscientização sobre os direitos e deveres dentro da escola. (BRASIL, 2008, p.45)

Vivemos num mundo cheio de possibilidades das quais devemos fazer escolhas, muitas vezes os sujeitos se deixam levar por imposições determinadas de outras pessoas façam ou escolham por eles, se tornando sujeitos dependentes e manipulados. No entanto o ser humano é capaz de participar ativamente do seu desenvolvimento enquanto ser individual ou ser social. A partir do momento que se socializamos com outras pessoas temos a necessidade de conviver e a viver melhor com o outro, mas, para que isso aconteça é importante que haja respeito por aquilo que é diferente, aceitando as escolhas e gosto de cada um. Existem diversas formas de socializações no meio social seja ela feita de contato pessoal ou virtual, porém, o processo social entre as pessoas é marcado por muitos conflitos e contradições, seja ela por cor, raça, cultura, personalidade, entre tantos outros que fazem com que os indivíduos entrem em atritos e lutem para defender seus interesses, o que é normal.

Porém, vivemos em um mundo onde as relações humanas são necessárias e inevitáveis, sendo essencial procurarmos mecanismos para estabelecer a paz entre todos, e que os direitos e deveres sejam exercidos por todos os cidadãos. Defender e querer que seus direitos sejam garantidos são importantes, no entanto, isso deve acontecer de modo respeitoso e que ninguém saia machucado desses conflitos. A sociedade é cercada por pessoas de camadas econômicas e classes heterogêneas diversas, o que causa interesses e modo de vidas diferentes. É isso é inevitável, não tem como construir uma sociedade homogênea com os

mesmos gostos, culturas ou costumes iguais, cada pessoa foi criada em seu ciclo com conhecimentos e valores passados de pai pra filho. O que não pode acontecer é achar que determinado grupo é mais importante que o outro, julgando ser pior, ou melhor, pois,

O etnocentrismo consiste em julgar, a partir de padrões culturais próprios, como “certo” ou “errado”, “feio” ou “bonito”, “normal” ou “anormal” os comportamentos e as formas de ver o mundo dos outros povos, desqualificando suas práticas e até negando sua humanidade. [...] É uma generalização de julgamentos subjetivos feitos em relação a um determinado grupo, impondo-lhes o lugar de inferior e o lugar de incapaz no caso dos estereótipos negativos. No cotidiano, temos expressões que reforçam os estereótipos: “tudo farinha do mesmo saco”; “tal pai, tal filho”; “só podia ser mulher”; “nordestino é preguiçoso”; “serviço de negro”; e uma série de outras expressões e ditados populares específicos de cada região do país (CARRARA, 2009, p.24-25)

Cada indivíduo carrega consigo seus próprios valores culturais, que são passados de seus antepassados, marcadas por lutas, movimentos e histórias, muitas conquistas já se conseguiram, vários direitos foram garantidos, entretanto, algumas pessoas ainda insistem em desrespeitar as leis, insistem em falar estereótipos preconceituosos contra outros grupos. No entanto muitas coisas precisam ser revistas e levadas em consideração para que aconteça realmente a democracia para todos.

É de extrema importância valorizar todas as pessoas, que como nós tem os mesmos direitos e deveres, independente das suas preferências ou modo de vida, cada um tem o direito de fazer e seguir o que bem quer, cabe a gente como cidadão consciente e ético aceitar. Pois, não existe uma cultura melhor ou pior, o que existe é diversas culturas cada qual com seu significado e contribuição para a formação da história da humanidade, Santos, (2006, p.16) relata que: “Só se pode propriamente respeitar a diversidade cultural se entender a inserção dessas culturas particulares na história mundial”.

O verdadeiro respeito à diversidade só vai acontecer quando as pessoas entenderem a importância que cada história cultural tem na construção do País e que cada um contribui de forma significativa para seu desenvolvimento. E o professor tem esse poder de trabalhar esses conhecimentos com seus alunos na sala de aula, debatendo a grande importância que é respeitar a diversidade.

Cada pessoa tem seus costumes, modos e maneiras de viver adquiridas no meio em que vivem, criando e mantendo sua cultura e seus ideais, que só quem passa por eles sabem da sua importância. Por isso é dever nosso conhecer o porquê de determinadas práticas culturais, antes de julgar alguém de forma errada, garantindo assim o respeito e a liberdade de todos.

“Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam”. (SANTOS, 2006, p.8)

Pois, o homem já nasce com suas tradições, valores e costumes adquiridos sejam no meio familiar ou em uma dada sociedade, e não cabe a gente querer mudar ou discriminar, o que devemos por obrigação é se acostumarmos e aceitar que as diferenças são reais e merecem serem consideradas, fator esse primordial para uma boa convivência. Pois, “Não há superioridade ou inferioridade de culturas ou traços culturais de modo absoluto, não há nenhuma lei natural que diga que as características de uma cultura a façam superior a outras. (SANTOS, 2006, p.16-17)

Não podemos dizer que uma cultura é melhor que outra, que a cultura de determinada população é a que deve ser considerada como verdade absoluta, pois, seria o mesmo que discriminar tantas as outras as quais fazem parte da história do País.

A desigualdade esta por toda parte do mundo, mesmo na era da democracia vemos as diferentes condições de vida entre a população. As pessoas são divididas em classes sociais, onde os ricos enriquecem cada vez mais a custa do trabalho escravizado da população mais carente, população essa que vem construindo e lutando por sua história há muito tempo.

A muitos e muitos anos o mundo é dominado por uma classe dominante, que dita regras, moda, gostos e modo de vida considerados certos para seguir. Como se os interesses deles fosse único e que toda uma população com condições de vida diferentes deveriam seguir o mesmo caminho. Segundo Santos (2006, p.20) “Não há razão para querer imortalizar as facetas culturais que resultam da miséria e da opressão. Afinal, as culturas movem-se não apenas pelo que existe, mas também pelas possibilidades e projetos do que pode vir a existir”.

Não podemos deixar que alguns lados existentes de certa cultura cresçam ainda mais, onde quem é pobre continue com a mesma condição de vida, e quem é rico continue enriquecendo cada vez mais, essa cultura não deve continuar, ela tem que acabar de vez para que todos possam ter as mesmas oportunidades e direitos.

E a cultura está ai, pra ser defendida de forma bonita, sempre em busca de sua melhoria, movida por objetivos e por novas possibilidades de mudanças, ela não existe para estar parada no tempo e sim para defender interesses comuns. Diante disso, podemos ver hoje em dia a população lutando mais pelos seus direitos, defendendo suas tradições e buscando por melhorias de vida.

Esses movimentos há muito tempo vem ganhando destaque na sociedade, já passou por muitas repressões, injustiças, mas, aos poucos foram conquistando seus direitos. Deixando

assim, de existir apenas uma cultura dominante onde poucos têm o poder, e passando a ser uma sociedade mais democrática.

Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. E uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade. (SANTOS, 2006, p.45)

Podemos ver a diversidade de culturas hoje na atualidade pela televisão, nas ruas, na internet que se juntam por um interesse em comum, de modo coletivo em busca de melhores condições de vida, de uma saúde e educação de qualidade. A população faz manifestações devido o caos de calamidade e de desrespeito com a população por parte de alguns políticos. Lutam por um País melhor e igual para todos, onde o direito de cidadania seja realmente exercitado.

Os movimentos sociais querem mudanças na sociedade, querem mais respeito, lutam pelos seus interesses, não querem ser mais dominados pela minoria e muito menos explorados. A população de massa que são as que mais sofrem com a desigualdade social, deve sim, esforçar-se por mudanças, no intuito de conquistar um mundo melhor.

Sabemos das diferenças existentes em cada cultura, porém, elas não podem ser separadas como se não tivessem nenhum tipo de relação. Pois, independente das diferenças de costumes e gostos, todas elas buscam uma vida digna para qualquer cidadão, com saúde, moradia, educação e respeito entre tantas outras coisas que só vai existir com a junção de todos os povos, tornando assim importante a relação com outras culturas.

Deseja-se que o mundo seja melhor para todos, com um futuro que possa ser realizado positivamente, onde as pessoas possam ser realmente mais humanas, que saibam dar mais sentido a relação de convivência, valorizado o próximo, buscando novos valores e princípios de forma social, fazendo com que a conduta humana seja regada de justiça, solidariedade e respeito ao próximo.

2 FORMAÇÃO DOCENTE E AS EXIGÊNCIAS DA EDUCAÇÃO ATUAL

Formar professores qualificados, preparados e conscientes com a realidade atual das escolas não é uma tarefa muito fácil, já que eles vivem a mercê de uma organização muitas vezes fechada para o novo. Novas exigências educacionais estão se fazendo presente nos dias atuais, com isso vem uma maior cobrança em torno dos professores por parte da sociedade.

Considerando a relevância do docente na construção do conhecimento dos alunos, formando para viver em uma sociedade cada vez mais modernizada e diversificada, nos desperta a necessidade de discutir e refletir como está acontecendo à formação docente nos dias atuais e se os professores estão sendo mesmo preparados para vivenciar a realidade de forma consciente, ou se simplesmente estão levando do jeito que o sistema é.

Sabemos que a profissão docente ainda passa por muitos problemas, que envolve mesmo sem querer o andamento das aulas, isso acontecer não por culpa dos professores, mas porque ele há muito tempo é obrigado a conviver com esse complexo sistema realizado ainda hoje.

São muitos fatores que interferem na qualidade da aula de um professor, como por exemplo, a falta de espaço, o número alta de alunos, a inadequação da estrutura física da sala de aula bem como toda a escola, falta de matérias e recursos didáticos, o baixo salário, falta de investimentos em formações contínuas, falta de apoio dos administradores, dos pais e até mesmo de alguns alunos que são indisciplinados, entre tantos outros obstáculos que fazem com que o resultado tão almejado pelos docentes e pela sociedade seja difícil de conseguir.

Problemas cotidianos são muitos na vida do professor, é preciso que muita coisa seja feita para mudar essa realidade. Nota-se que muitos professores reclamam a falta de preparação e de estrutura física para receber adequadamente os alunos. Sabemos que nem todos os professores estão prontos para lidar e para trabalhar as mais diferentes diversidades encontradas na sala de aula.

Diante disso, os professores podem aceitarem receber um aluno com deficiência física, porém, ele não foi preparado para sabe lidar de maneira certa com tão situação, às vezes a própria escola não tem acessibilidade para receber esses alunos.

O professor pode com toda a boa vontade recebe um aluno surdo, mas, se ele não souber libras e não tiver recursos apropriados de nada vai adiantar sua boa vontade, o professor pode saber respeitar as diferenças, mas se ele não conseguir explicar para seus alunos que todos somos diferentes, e que cada um merece ser respeitado da maneira que é, de forma correta, o seu respeito não vai surti efeito nos demais.

Portanto, a formação docente é uma questão que merece ser refletida e discutida, para ampliar a visão por parte dos profissionais da educação em relação à importância e necessidade de uma boa formação na vida dos professores, no intuito de lidar adequadamente com a diversidade, o que resulta em uma maior competência para se posicionar nas decisões dentro da sala de aula.

Um fator preponderante é que os professores reconheçam seus limites e que busquem pelo novo, pois:

A atitude crítica é humilde, no sentido de reconhecer os limites que existem nas situações vivenciadas. Só quem reconhece que não sabe, que há ainda muito por ser conhecido, empreende uma busca no sentido de ampliar seu saber. E é corajosa, porque é sempre um gesto de provocação e, por isso, sempre tende a enfrentar perigos, ameaças. O olhar crítico desvenda, aponta coisas que podem incomodar, desinstalar, exigir mudanças para as quais muitas vezes não se está preparado. (RIOS, 2001, p.50-51)

Em virtude disso, o professor por mais experiente que seja com sua profissão, tem que ter a consciência de que busca se aperfeiçoar, de querer conhecer o novo e de sempre procurar adquirir novos saberes é fator preponderante para ter sucesso na sua profissão, por mais experiência que um educador tenha mais coisas ele tem para aprender.

Dessa forma, investir para que os professores estejam bem preparados, revestidos de conhecimentos, formando para que eles sejam capazes de tomar decisões e de resolver problemas, com certeza, todo esse investimento surtirá efeitos positivos no processo de aprendizagem, como também, melhorará a relação dos alunos no ambiente escolar, já que os professores bem qualificados saberão orientar melhor os alunos.

Levando em consideração esses aspectos, é notável a importância da formação docente para combater atos de discriminação e preconceito na sala de aula, ensinar sem nenhum conhecimento coerente, sem estar preparado para realizar sua atuação, não é uma maneira adequada de realizar a prática docente, pois, essa profissão é uma das que devem ser bem mais preparadas para a prática do dia-a-dia.

Pois, “indiferença às diferenças”, acaba gerando a desigualdade na aprendizagem. Em cada classe, existe uma parcela significativa de “diferenciação selvagem” (PERRENOUD, 2000, p. 26). O professor não pode fingir que as desigualdades e diferenças não existem, o seu posicionamento é fundamental na hora de fazer o diferencial na vida dos alunos, pois, as necessidades que cada aluno tem são bastante visíveis, e não pode ser negligenciada pelos professores.

Tardif (2014, p.16) relata que “Os saberes de um professor são uma realidade social materializada através de uma formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada, etc., e são também, ao mesmo tempo, saberes dele”. O saber que ele tem se mistura com os saberes adquiridos por diversos meios.

Vivemos em uma sociedade que está a todo tempo sofrendo mudanças, novas necessidades surge dia após dia, e a escola não pode ficar para trás, seguir com as transformações é um caminho inevitável para a escola, já que o progresso da educação depende dessa parceria com a realidade vivida pela sociedade. Daí vem à necessidade do docente está sempre se qualificado, para se adaptar ao meio e ao sistema.

A existência de tal rede mostra muito bem que os sistemas sociais de formação e de educação, a começar pela escola, estão enraizados numa necessidade de cunho estrutural inerente ao modelo de cultura da modernidade. Os processos de produção dos saberes sociais e os processos sociais de formação podem, então, ser considerados como dois fenômenos complementares no âmbito da cultura moderna e contemporânea. (TARDIF, 2014, p.34)

O sistema da sociedade atual busca por pessoas qualificadas, informadas, com senso crítico, que saiba se posicionar e tomar decisões importantes. E só uma escola com professores competentes é que pode formar pessoas assim, indivíduos conscientes do seu papel na sociedade, apesar de todas as diferenças que se encontra na escola.

Levando-se em conta do papel do professor na formação dos alunos, vemos que a formação docente é essencial e indispensável na vida dos professores, pois, a formação de acordo com Estevão (2001, p.185) é,

[...] como uma prática social específica e como uma verdadeira instituição que cumpre certas funções sociais relacionadas com a reprodução, regulação e legitimação do sistema social. Lembra que a formação, ao mesmo tempo, celebra determinados valores, por vezes contraditórios, ligados quer ao mundo empresarial e gerencialista, quer ao mundo cívico e da cidadania.

Procurando assim, formar cidadãos conscientes, éticos e morais, para viverem em uma sociedade de forma equilibrada, sujeitos capazes de refletir de forma crítica e de se posicionarem no seu meio social. O campo docente é cheio de incertezas, das quais dificulta o modo como o professor realizar sua aula, no entanto os obstáculos que surgem podem ser superados se na escola existir professores bem preparados para sua ação pedagógica.

Ao refletir sobre sua ação pedagógica, ele estará atuando como um pesquisador da sua própria sala de aula, deixando de seguir cegamente as prescrições impostas pela administração escolar (coordenação pedagógica e direção) ou pelos esquemas preestabelecidos nos livros didáticos, não dependendo de regras, técnicas, guias de estratégias e receitas decorrentes de uma teoria proposta/imposta de fora, tornando-se ele próprio um produtor de conhecimento profissional e pedagógico. (BOLZAN, 2002, p.17)

Essa reflexão no e sobre o trabalho é uma das melhores maneiras do professor conhecer melhor seu ambiente de trabalho, conhecer as dificuldades e necessidades dos seus alunos, como também a forma como está realizando seus métodos de ensino, se está adequado ou não, se está ocasionando efeitos, se não como ele pode mudar para melhor o ensino-aprendizagem.

Dessa forma, o professor evita de desenvolver sempre uma mesma prática de ensino, principalmente aquelas que não alcançam os resultados almejados. O professor requer de diferentes saberes para realizar uma verdadeira prática pedagógica, a qual de conta de acompanhar as mudanças dos alunos.

Em suma, o saber dos professores é plural, composto, heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer bastantes diversos, provenientes de fontes variadas e, provavelmente, de natureza diferente. (TARDIF, 2014, p.18)

Um saber que é oriundo de diferentes fontes, cujo são articulados no sentido de garantir com eficiência resultados positivos para o ensino-aprendizagem. O professor tem essa capacidade de possuir diferentes saberes que são conquistados em suas formações contínuas, por meio de estudos, no intuito de aprimorar seu trabalho e assim construir uma prática voltada para as demandas existentes. Pois,

Trata-se de buscar realizar um ensino de boa qualidade, sinônimo de atuação competente dos docentes. A reflexão que se segue volta seu foco sobre a articulação entre competência e qualidade, procurando explorar os significados que nelas se abrigam. (RIOS, 2001, p.62)

Aprimorar seu conhecimento é um dos deveres de um educador responsável com seu trabalho, ninguém pode desenvolver uma boa atividade sem possuir um bom conhecimento, e para ter um bom domínio do conhecimento é essencial querer buscar sempre, querer ir além para ampliar suas visões, de maneira crítica e reflexiva. Para que assim, realize uma prática em prol da valorização e respeito às diversidades.

2.1. Educar na diversidade

Buscar a qualidade e a eficiência do ensino não é uma tarefa das mais fáceis, já que para isso ser conquistado é necessário superar muitos obstáculos. Criar novas possibilidades para o ensino não é tarefa só do professor, é preciso contribuição por parte de outros setores do campo educacional.

Cobram competências do professor, que muitas vezes eles não podem assumir, querem que ele resolva e de conta de tudo o que acontece na sala de aula, sendo que o próprio muitas vezes fica a mercê de outras pessoas, não podendo fazer muita coisa.

Poucas mudanças são feitas para melhorar o sistema educativo e a forma de desenvolver a prática docente por meio de projetos, programas já construídos por outros, muitas vezes diminuem a chance dos professores tomarem suas decisões e atitudes diferentes da que foram impostas, já que ele tem um programa elaborado que deve ser desenvolvido dentro de determinado prazo, e se saírem da rota programada pode atrasar todo o andamento do projeto.

Mas as necessidades dentro da sala de aula são outras, o que foi decidido antes em um planejamento para ser realizado na sala de aula pode ser mudado de uma hora pra outra, vai depender da circunstância do momento, a necessidade dos alunos é que vai determina o que é preciso ser trabalhado naquela hora.

Se o professor nota briguinhas entre alunos, preconceitos, um colega apelidando ou chamando nome impróprio para o ambiente no momento da aula ele não pode fingir que não esta vendo nada, que são apenas coisas de crianças, e pedi apenas para fazerem silêncio, fechando os olhos e deixando que os próprios alunos resolvam a situação naquele dia, sendo que amanhã eles vão fazer a mesma coisa.

Se o professor não se posicionar com aquela situação, e não explicar determinadas coisas do convívio social para seus alunos, todos os conteúdos que ele ensinar aos alunos de nada vai servi para uma boa vivencia dentro da sociedade. Para explicar é necessário ter um bom conhecimento, do qual deve ser sempre renovado, de acordo com Tardif (2014, p.70),

Os saberes dos professores são temporais, pois são utilizados e se desenvolvem no âmbito de uma carreira, isto é, ao longo de um processo temporal de vida profissional de longa duração no qual estão presentes dimensões identitárias e dimensões de socialização profissional, além de fases e mudanças.

Saberes esses que devem ser construídos dia-a-dia, de acordo com as necessidades dos alunos, que tenham significado na vida deles. Que possa ajudá-los a se tornarem cidadãos

conhecedores de seus direitos e deveres, que saibam respeitar o próximo, entendendo que as diferenças existem e devem ser aceitas, respeitadas e refletidas, de modo que as visões dos sujeitos na sociedade mudem. Mantoan (1997) relata que é importante criar uma escola que,

[...] propõe um modo de se constituir o sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturada em virtude dessas necessidades. A inclusão causa uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas apóia a todos professores, alunos, pessoal administrativo, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. (p.145)

Assim, construir um sistema educacional que de conta de todas as necessidades dos alunos, e que ao mesmo tempo inclua todos da mesma forma, sem excluir ninguém. Criando uma escola que de assistência para todos que trabalham e estudam na escola, pois, só assim poderá construir uma escola de qualidade, com profissionais competentes e habilidosos para atuarem sua prática.

A primeira característica do objeto do trabalho docente é que se trata de indivíduos. Embora ensine a grupos, os professores não podem deixar de levar em conta as diferenças individuais, pois são os indivíduos que aprendem, e não os grupos. Esse componente individual significa que as situações de trabalho não levam à solução de problemas gerais, universais, globais, mas se referem a situações muitas vezes complexas, marcadas pela instabilidade, pela unicidade, pela particularidade dos alunos, que são obstáculos inerentes a toda generalização, às receitas e às técnicas definidas de forma definitiva (TARDIF, 2014, p.129)

Se são indivíduos que possuem necessidades diferentes, portanto, merecem serem vistos com um olhar diferente pelos professores. Sabemos que exercer a docência requer muito de cada professor, já que eles vão ter que viver com alunos com realidade social diferente, aluno sem pai ou mãe, com familiares problemáticos, aluno que vai pra escola sem comer, que é maltratado pelos pais, explorados, que trabalha e que não tem incentivos em sua casa para estudar, que sofre discriminação por causa de sua cor.

Também vão encontrar alunos com deficiência seja física, mental, auditiva, visual ou mesma deficiências múltiplas. Que para entender e saber lidar de maneira adequada é necessário muito estudo, muito investimento em formações que possam contribuir e ajudar com o desenvolvimento e com o progresso desses alunos.

Ninguém pode observar e conceituar todas as facetas do ofício do professor, conceber com a mesma precisão e a mesma pertinência todas as competências correspondentes. [...]. As facetas do trabalho pedagógico, as famílias de competências não existem “objetivamente”, elas são construídas, certamente a partir do real, mas também de tramas conceituais e de pré-conceitos teóricos e ideológicos. (PERRENOUD, 2000, p.171-172).

São muitas as tarefas e os compromissos que um professor tem, sendo difícil definir bem qual é o seu verdadeiro papel dentro de uma sala de aula, sendo que ele trabalha com o lado afetivo, cognitivo e social dos seus alunos, como também lidar com a comunidade escolar, com o corpo administrativo, organizar também sua vida pessoal com o pouco tempo que sobra, já que ser professor requer muito tempo, para planejar, elaborar tarefas, provas, corrigir caderno, reuniões, entre tantas outras atividades, tudo por um salário incoerente com tantas funções que ele exerce.

Cada dia o professor constrói seu conhecimento, a partir de experiências adquiridas e trocadas suas habilidades e competências vão sendo produzidas, cada um do seu modo e de acordo com a instituição que trabalha, pois, o ambiente da ação docente é que vai determinar quase tudo que um professor pode fazer para melhorar a aula para os alunos.

O professor pode e deve ter sua autonomia, de criar e inventa coisas novas que possam superar as dificuldades dos alunos, mas, ele também precisa da contribuição dos outros integrantes do sistema educacional. Pois, para ele receber alunos cadeirantes ele precisa de uma escola estruturada, com rampas, portas largas, salas amplas, um ambiente que tenha uma infraestrutura apropriada.

Para receber uma pessoa com deficiência visual, é importante que a escola tenha matérias e recursos adequados, como também é essencial ter um professor que saiba utilizar esses matérias e que saibam ensinar para os alunos. Pois ter o recurso e não sabe utilizá-los não fará diferença alguma para educação desses alunos.

Se um aluno tem problemas auditivos ele necessita de um professor que saiba libras, que fala uma língua que ele entenda e que saiba inclui os alunos surdos no meio de todos de forma igual, onde os próprios estudantes também possam aprender, contribuindo assim para uma vivência social bem melhor, onde ninguém se sentirá excluídos.

Por muito tempo vem se querendo uma educação de qualidade, com alunos bem preparados, mas na realidade quase nada está sendo feito para que isso aconteça. Cobra-se muito dos professores, mas suporte para ele exercer sua prática quase não é dado.

No entanto muita coisa já mudou para melhor, mas, ainda é fundamental que haja mais investimentos na área educativa, no que diz respeito aos recursos, matérias que toda escola precisa, como também reformas na estrutura física para melhorar o acesso desses alunos, precisa também de formações que oriente e qualifique os educadores a lidar com cada uma dessas situações. Pois,

O sucesso escolar contribui para valorizar o individuo; aumenta sua auto - estima, colaborando com a inclusão e aceitação na sociedade. Pessoas com deficiência estão presentes em todos os setores da sociedade e necessitamos de uma reflexão sobre nossas praticas afimde garantir participação plena e igualdade, do ponto de vista profissional,pessoal e social. Uma sociedade inclusiva começa pela educação. (LOCATELLI E VAGULA, 2009, p. 02)

Se a escola demonstra toda atenção aos alunos, fazendo eles se sentirem parte daquele ambiente, construindo um lugar que seja familiarizado com as necessidades dos alunos, com certeza eles ficaram com mais vontade em aprender, de participar e de se socializar com os demais companheiros da sala, já que vão se sentirem incluídos por completo.

[...] a educação inclusiva desloca o enfoque individual, centrado no aluno, para a escola, reconhecendo no seu interior a diversidade de diferenças individuais, físicas, culturais e sociais. A educação especial passa ser compreendida e inserida na educação geral, na qual todos aprendem juntos, convivendo com as diferenças. (LOCATELLI E VAGULA, 2009, p. 27)

Em outras palavras, os alunos com ou sem deficiência participariam de uma escola atualizada, onde as diferenças existem, são aceitas e trabalhadas. Não teria assim uma escola separada e especial para os alunos com alguma necessidade, mas, uma escola feita para realizar uma educação onde todos participariam de forma igual, onde todos aprenderiam respeitar uns aos outros.

Não se Pode realizar uma aula sem ter uma formação consistente, um saber teórico diversificado, da mesma forma não se pode deixar de lado o que acontecer no dia-a-dia na prática docente, já que elas interferem no desenrolar das atividades e como tal não pode ser esquecidas. Daí vem à formação do professor para saber utilizar de forma correta as duas ao mesmo tempo.

Reconhecer que para ter uma prática consistente, mais solida é preciso ter conhecimentos mais fundamentados, para assim mudar aquilo que não esta dando certo. Se algo esta acontecendo de forma errada ou sem efeitos significativos para o ensino, havendo assim uma necessidade de transformação o professor tendo uma base teórica adequada com certeza dará conta de resolver essas situações.

Além de todos esses fatores que fazem o professor se preocupar cada vez mais com sua prática, ainda tem a questão social, de religião, familiar, cultural e de gêneros, onde ele tem que ter o controle e saber respeitar e valorizar todos e para isso precisa de um conhecimento mais apurada.

Diante disso o professor vem no sentido de mediar o ensino, de proporcionar conhecimentos importantes para se viver na sociedade, e para isso é necessário que ele esteja a pá de todos esses assuntos, que tenha assim um conhecimento amplo capaz de explicar, de mediar, orientar seus alunos de forma correta, por meio teórico de saberes significativos e consistentes.

Por isso, que a formação dos professores vem para contribuir com a transformação social, bem como individual dos sujeitos, sem essa formação o professor não tem capacidade para resolver os dilemas da profissão docente. Formação essa que vem para favorecer o progresso da educação, a forma de pensar e agir dos docentes, já que a forma de executar suas atividades vai depender do grau de seu conhecimento.

A formação continua deve contribuir para a mudança educacional e para a redefinição da profissão docente. Nesse sentido, o espaço pertinente da formação continua já não é o professor isolado, mas sim o professor inserido num corpo profissional e numa organização escolar. Por isso, é importante ultrapassar a “lógica dos catálogos” (ofertas diversificadas de cursos e ações de formação a frequentar pelos professores) e construir dispositivos de parceria entre todos os actores implicados no processo da formação continua. (NÓVOA, 2002, p.38)

Dizemos assim, que a formação vem para contribuir com as transformações no ensino-aprendizagem, vem para ajudar a melhorar os resultados a educação. É um processo que define bem a prática docente já que eles têm a chance de conviver com novas experiências, nem o professor trabalha sozinho e nem a organização escolar pode planejar tudo só sem escutar o corpo docente. É essencial haver essa união, esse planejamento conjunto em pró dos benefícios do progresso da educação.

A formação continua deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista á construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. (NÓVOA, 2002, p.38-39)

Se as formações disponibilizadas para os professores não for executada de forma intencional para desenvolver o senso crítico e reflexivo deles, transformando-os em sujeitos participativos e autónomos na sua ação elas não iram surti efeitos na sua prática. É evidente que o professor precisa colocar no seu trabalho sua identidade, seus planos, um fazer pessoal, relacionando tanto com suas experiências como também com os novos conhecimentos conquistados.

A formação continuada deve possibilitar: o desenvolvimento coletivo de processos autônomos no trabalho docente, o compartilhamento coletivo de processos metodológicos e de gestão, a aceitação de indeterminação técnica, uma maior importância ao desenvolvimento pessoal, a potencialização da autoestima coletiva e a criação e o desenvolvimento de novas estruturas. (IMBERNÓN, 2010, p. 69)

Acreditando assim no potencial dos professores, na capacidade que eles têm de criar, renovar e de reinventar, concedendo a eles a chance de seguir por seus próprios métodos, mesmo que amparado de forma coletiva. Fazendo-os ficarem com sua autoestima elevada, o que conseqüentemente sua prática docente como também a pessoal terá resultados mais positivos.

O professor em si está sempre num processo de formação, e as formações contínuas da essa oportunidade de se aperfeiçoar mais através de trocas de saberes, por meio do qual os professores em uma relação mútua têm a chance de ajudarem uns aos outros, contando casos, soluções e possíveis alternativas para as situações vivenciadas em sua profissão.

A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando. [...]. A organização das escolas parece desencorajar um conhecimento profissional partilhado dos professores, dificultando o investimento das experiências significativas nos percursos de formação e a sua formulação teórica. (NÓVOA, 2002, p.39)

Todas as escolas têm que contribuir para a realização dessas formações, garantindo aos professores o direito de se inovar, se qualificar, abrindo espaço para seus próprios projetos, dando a chance deles colocarem um pouco de si em suas atividades, sentindo-se como construtores de mudanças significativas na educação.

Ter uma formação inicial é essencial, mas, não se deve ficar parado, estagnado no tempo, como se as coisas continua-se sempre do mesmo jeito. O ontem é diferente do hoje, e o amanhã já se espera outra coisa. Em virtude disso, buscar sempre mais conhecimento é uma das alternativas mais eficazes do ensino, por isso, o sistema educativo tem que investir em grupos de estudos, em palestras, em planejamentos, entre tantas outras formas para aprimorar o saber no intuito de facilitar o trabalho docente.

A formação docente deve entender a inclusão, como meio de garantir o direito de todos a terem uma educação no ensino regular, de forma justa e democrática, onde todos possam

participar independente das suas diferenças. E é pela educação inclusiva que todos vão poder se sentir realizados por participarem efetivamente do seu processo de aprendizagem como qualquer outra pessoa.

A educação inclusiva é muito importante, porém, não adianta apenas fazer com que as escolas e os professores acolham esses alunos garantindo o direito de estudar que é de todos, se na prática os métodos de ensino continua a mesma coisa, se os alunos não tem vez de fala, se suas individualidades não são levadas em conta. É necessário que aconteça essa educação, mas também tem que ocorrem mudanças no sistema de ensino e nas práticas pedagógicas dos professores.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Na referente pesquisa participaram quatro docentes, com idade entre 38 e 62 anos, todas do sexo feminino, as professoras trabalham há mais de dez anos, duas delas se consideram parda, uma negra e outra branca. Todas possuem formação, duas tem pedagogia, uma tem história, e a outra é formada em pedagogia e geografia, o tempo de formação acadêmica delas é entre cinco a 10 anos. As turmas em que as professoras lecionam é do 1º ao 5º ano.

As respostas obtidas com as professoras contribuíram para a realização desse trabalho, possibilitando assim, uma reflexão a cerca da temática diversidade na escola e como as professoras estão se posicionando nas situações diárias em que a diversidade se faz presente.

Reconhecem que a diversidade deve ser trabalhada na escola e que é fundamental para formar sujeitos conscientes, que valorizam, respeitam e aceitam as diferenças do seu próximo. Diante disso, o professor precisa ter uma formação ampla, onde ele se qualifique cada vez mais em prol da sua prática de ensino que respeite as diferenças e a diversidade humana.

Em virtude disso, para compreender melhor como os professores estão lidando com a diversidade na escola e como está a formação docente atual levantei algumas perguntas pautadas no tema diversidade na escola, com o objetivo de investigar e compreender a percepção dos professores sobre a diversidade na escola e quais os desafios enfrentados por eles no cotidiano da prática docente.

Perguntei as professoras: **Em sua opinião quando falamos em diversidade na escola sobre o que você entende?** Para elas diversidade na escola é:

“Eu entendo que cada aluno tem uma cultura, uma personalidade diferente, uma maneira de aprender e repassar o que aprendeu”. (P.A)

“Que cada pessoa tem sua cultura, seu jeito de ser e se expressar, cabe a cada professor trabalhar e orientar os outros a maneira de agir e aceitar o colega em suas diversidades”. (P.B)

“Compreendo a diversidade como a forma de aceitação as diferenças, seja na classe social, seja na religião, seja na cultura, seja na acessibilidade em todos os termos. Eu procuro respeitar o outro, fazer com que o meu alunado respeite os outros”. (P.C)

“Eu observo como professora as diversas culturas, o meio de viver de cada um, a gente observa também a questão da raça, da cor, também o falar de cada um, onde a gente tem que respeitar a situação em que cada um vive, o ambiente em que cada criança vive, é de suma importância o professor ter o conhecimento e respeitar a criança da forma que ela é”. (P.D)

De acordo com as respostas das professoras, podemos analisar que cada uma demonstra conhecer o que é a diversidade, como também reconhecem a necessidade de orientar os alunos a respeitar e aceitar o outro como é, com sua cultura, mas, será que a cultura é compreendida de forma correta nas escolas. Para Santos (2006, p.24): “ “[...] cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação" ou então de grupos no interior de uma sociedade”. A cultura está relacionada com a realidade de vida de cada pessoa, do qual é construído na sociedade de diversas maneiras.

As professoras consideram também a necessidade de respeitar os diferentes tipos de alunos independente de religião, cor, deficiência, escolha sexual, na sua diversidade. Nesse sentido, as professoras valorizam a diversidade e procuram levar em conta a realidade vivenciada pelos alunos. Nesse sentido,

A interpretação fiel do termo diversidade mais a conjunção “da” remete-nos a esse conceito como algo inato, relativo ao grupo social e cultural de origem. Quando se usa diversidade “na”, o termo passa a ser interpretado como algo que só é produzido fora da pessoa e, assim, é dependente dos espaços e referências com as quais convive. Acreditamos que para além da gramática a questão da diversidade precisa ser entendida como a combinação de fatores inerentes à pessoa: origem familiar, geográfica e histórica e fatores externos, especialmente a relação com o outro. (OLIVEIRA, 2008, p.12230)

A diversidade aparece de diferentes formas, seja através do gênero, cor, religião, cultura, como também por meio do andar, vestir, falar, pensar, o que faz com que os indivíduos se diferenciem, dessa forma, o traço pessoal de cada aluno deve ser levado em conta, à realidade em que eles vivem. A diversidade requer de todos os sujeitos a valorização, o respeito, empatia, pelo próximo.

Por isso, trabalhar a diversidade é uma tarefa importante na escola, pois, é pela educação que o sujeito pode conhecer os mais variados tipos de cultura, criar seu conceito sobre os variados tipos de assuntos, saber distinguir o que pode ou não pode, pensar antes de dizer ou desrespeitar determinado costume ou tradição de alguém. Então, a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento do ser, sendo essencial que ela faça uma reflexão sobre suas atitudes na intervenção da prática educacional, para fazer o diferencial e desse jeito assumir uma postura igualitária para todos, considerando suas diferenças.

Para que avancemos na construção de práticas educativas que contemple o uno e o múltiplo, rompendo com a idéia de homogeneidade e uniformização que ainda impera no campo educacional. (...) precisamos entender a educação para além de seu aspecto institucional e compreendê-la dentro do processo de desenvolvimento humano. (JOVINO, 2006, p.78).

Portanto, devemos entender a diversidade e acabar com pensamentos e comportamentos que ainda se faz presente na escola, e que tentam colocar todos como seres homogêneos, o que sabemos que não é verdade. Cada um tem seu ritmo de desenvolvimento que vai de acordo com o grau de dificuldade e de oportunidade que cada um sujeito. Como relata uma professora, a diversidade é sinônimo de aceitação do outro do jeito que ele é, entendendo que todos tem direito a educação independente de qualquer diferença existente. Cabe a nós aceitar e respeitar todos e todas.

Posteriormente perguntei: **Como você lida com as diversidades na sala de aula?** De acordo com elas:

“Eu trato todos por igual, o que exijo é o respeito e a coletividade na sala de aula. Trabalho com o projeto de leitura todos os dias, no primeiro momento da sala é leitura, a gente faz questão de ouvir a leitura de cada aluno. Também trabalhamos com a caixinha de leitura, na qual no final das aulas, a gente entrega um texto a cada aluno e no outro dia a gente escuta a leitura dos alunos. Todos os professores da escola trabalham dessa maneira com a caixinha de leitura”. (P.A)

“Procuro ser sempre justa e mostrar as crianças que raça, cor, religião e etc, não influem e nem desvaloriza a si mesmo, porque devemos conviver com as pessoas e suas diferenças. Mostrando que religião não se discute, religião se vive e que cada religião tem que ser aceita e respeitada. Na nossa vida a gente tem que conviver com várias religiões e várias denominações. Então nesse ponto de vista eu repasso e mostro que a verdade esta escrita na bíblia e não o que as religiões repassam”. (P.B)

“Eu procuro lidar de forma natural, respeitando todos por igual, promovendo a socialização entre todos os alunos para que haja a troca de experiências entre os mesmos”. (P.C)

“Como nós sabemos cada criança tem uma história de vida, então é de forma que não vá separar uma criança da outra, como a gente observa entre vários aspectos que existem crianças que são imperativas, crianças que não param na sala de aula, então trabalho de uma forma diferenciada para que as crianças não percebam a forma de a gente tratar, e também outra coisa a forma de aplicar os conteúdos tem que ser do jeito que é para um é para os outros e respeitando sempre. Por exemplo, eu já trabalhei com criança que tinha problema na fala, só que no caso ninguém me ajudou, não tinha ajuda, mas com o decorrer do tempo ele foi se desenvolvendo graças a Deus deu tudo certo”. (P.D)

É notável na fala das professoras que elas procuram tratar todos de forma igual, justa e de maneira coletiva, respeitando a cor, gênero e religião. A Constituição Federal de 1988, estabelece que a educação deve ser para todos, de forma gratuita, sem distinção, e desenvolvida nos seguinte princípios

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; (1988)

Esses princípios marcam um ensino baseado na igualdade perante os alunos, o que é fundamental para o processo de aprendizagem, já que irão se sentir incluídos todos da mesma forma. Percebe-se um respeito das professoras ao direito dos alunos, o que é relevante para realização de uma prática democrática, que trabalha para a formação igualitária dos sujeitos.

Porém, na análise das falas docentes podemos comprovar que o conteúdo trabalhado na sala de aula é exposto de forma igual para todos. A mesma rotina todos os dias, mas, como isso é possível, será que todos os alunos possuem o mesmo ritmo de aprender, tem as mesmas habilidades, as mesmas dificuldades, são todos homogêneos e por isso tem as mesmas necessidades?

O espaço escolar, em sua materialidade, congrega pessoas que são social, política e economicamente diferentes em razão de idade, sexo, religião, interesses. Ele também replica, em seu interior, efeitos e relações do contexto mais amplo em que a escola se situa. E esses fatores externos à escola precisam ser articulados com suas características e relações internas, que constituem a especificidade dessa instituição e que envolvem a organização do tempo e do espaço, as regras disciplinares, as interações pedagógicas, as relações entre professores, entre professores e alunos e entre alunos. (MEYER, 2007, p.14 -15)

O Convívio escolar é marcado por relações de sujeitos com características diversas, que trazem para dentro da escola situações que merecem ser levadas em consideração pela escola, de modo que haja uma articulação entre as diversidades que cada aluno possui com as ações desenvolvidas pela escola. As práticas pedagógicas e a organização escolar devem estar envolvidas com a multiplicidade que está inserida no ambiente escolar dos alunos.

Cada aluno tem sua particularidade e necessidade. Nem sempre aprendem do jeito que o professor pensa. Às vezes ele necessita de uma explicação diferenciada mesmo que seja do mesmo conteúdo, precisar muitas vezes de matérias e de recursos diferentes e que por mais que o professor queira a exploração do conteúdo não pode acontecer do mesmo jeito, caso ele queira resultados significativos é necessário fazer o diferencial.

Uma das professoras fala que lida de forma natural em relação às diversidades, o que é bom para sua prática docente, é essencial reconhecer que ser diferente é normal. No entanto, ver que as diferenças existem e não trabalhar elas dentro da sala de aula e tratá-las normalmente não é a melhor forma, pois, nem todo mundo pensa assim, para que todos os

alunos, professores e os demais integrantes da escola aceitem as diversidades requer que elas sejam debatidas no ambiente escolar para que assim todos compreenda e aceite o outro.

Observa-se certo equívoco por parte das professoras, já que a prática de ensino deve levar em conta a realidade e a individualidade de cada aluno, respeitar a diversidade e o direito deles não é simplesmente garantir que eles tenham o que todos os outros tem, que tenham os mesmos recursos. Respeitar é incluir, é tornar o aluno participante e reconhecedor da situação vivenciada.

As professoras retratam mais a diversidade em relação a religião, a cor, a deficiência, não falam especificamente sobre gênero e sexualidade, só que essas questões merecem ser vistas na sala de aula, de modo que oriente os alunos para uma convivência mais democrática. Assim: “Gênero refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais”. (CABRAL; DIAZ, 1998, p.1). Na sociedade podemos presenciar situações discriminatórias e regras estabelecidas por meio do gênero, o que causa a exclusão de algumas pessoas, essas situações são levadas para dentro da escola e muitas vezes passa despercebidas ou são consideradas normais no dia-a-dia.

“Já a Sexualidade é a própria vida, num processo que vai do nascer ao morrer. Envolvendo, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura”. (OLIVEIRA, 2007, p.4). É a capacidade do ser humano de se descobrir de diferentes formas, e por isso é um tema que os professores devem explorar, no intuito de desmistificar qualquer pensamento que associe apenas ao sexo e como forma de orientar as descobertas vivenciadas pelos alunos.

A professora B relata que as religiões devem ser respeitadas e aceitas, e que não devem ser discutidas. No entanto, por existir no Brasil várias religiões, a escola não pode fingir que religião não existe, como também, não deve tratar esse assunto apenas por um ponto de vista e esquecer os outros. A constituição Federal estabelece, em seu artigo 210, que,

Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

§ 1º - O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

A constituição Federal deixa clara que o ensino religioso faz parte da formação básica do sujeito, entretanto, todo mundo tem a liberdade de escolher sua religião, o direito de expressa e de ser respeitado. Ninguém é obrigado a participar de uma prática de ensino

religioso que não é a sua, por isso, as aulas devem contribuir para a formação do sujeito enquanto ser social, orientando para o respeito à cultura do outro, proporcionando assim um conhecimento religioso não único, mas, diverso em prol de uma sociedade mais humana.

Além do que uma das docentes afirma trabalhar conforme ensina a bíblia, todavia, existem religiões que não são seguidoras da bíblia, e por isso ela não pode realizar uma prática de ensino defendendo apenas um ponto de vista, pois assim, poderá excluir alunos que não tem a bíblia como sua verdade. É interessante formar cidadãos conscientes e bem preparados para conviver na sociedade, conhecedores dos seus direitos e deveres.

Questionados sobre se **sentem dificuldades em se posicionar perante alguns assuntos no dia-a-dia? Quais os assuntos e por quê?** Suas respostas foram:

“Atualmente não sinto dificuldades, pois gosto muito de ler e planejo as minhas aulas e quando o professor planeja as aulas ele tem por obrigação de estudar aquela aula que vai abordar em sala de aula”. (P.A)

“Não. Porque sempre analiso os dois lados mostrando que ninguém é melhor que ninguém apenas existe diferenças e que pode ser aceitas e valorizadas”. (P.B)

“Eu não diria que não existem dificuldades, porque a gente encontra as dificuldades todos os dias, porém, essa dificuldade baseiam-se na falta de formação específica para lidar com alunos que tenham acessibilidade. Então procuro desenvolver atividades dinâmicas e com ajuda dos demais alunos e com a interação do aluno especial e junto com os outros alunos consigo realizar as atividades. Na questão de trabalhar alguns **conteúdos mais complexos**, é necessário agir de forma natural procurando elaborar atividades baseado na idade dos alunos, como trabalho com alunos do quinto ano, por exemplo, se fosse **falar da sexualidade** não tenho que aprofundar demais do tema, mas também não posso abolir esse tema da série, eles precisam saber, pelo menos, a base do assunto”. (P.C)

“Não, porque o professor já tem que ser preparado e vir para a sala de aula preparado para o que vier. A gente tem que estar preparado e saber lidar com as dificuldades. Não tenho problema. Eu me comunico muito bem com os pais e com os alunos e não tenho dificuldades”. (P.D).

De acordo com as respostas obtidas pode-se notar que, a maioria das professoras afirma não terem dificuldade para trabalhar os diversos assuntos, consideram-se bem preparadas para realizar sua prática docente, porém, elas estão relacionando apenas essa preparação em relação ao conteúdo planejado para o dia, falam apenas sobre como acontecer sua prática de ensino e aprendizagem e estão esquecendo-se da diversidade que existe na escola, não especificam como lida com os conflitos que há como, por exemplo, o racismo, segundo Santos (2001, p. 83-85).

O racismo é um sentimento de superioridade de um grupo racial sobre outro assim como da crença de determinados defeitos de ordem moral e intelectual próprios. Ele atribui a um grupo determinados aspectos negativos em razão de suas características físicas ou culturais. Já o preconceito racial é uma atitude negativa em relação a alguém a qual pode ser tomada em relação a um indivíduo, a um grupo ou mesmo a uma idéia. Quando uma pessoa tem uma atitude preconceituosa em relação à outra ela está fazendo uma comparação a partir de seu padrão de referência. Portanto, o preconceito racial ocorre quando uma pessoa ou um grupo sofre uma atitude negativa por parte de alguém que tem como padrão de referência o próprio grupo racial.

Qualquer ato de discriminação racial merecer ser tratado na prática de ensino, o preconceito, o racismo, discriminação, a homofobia, são temas que merecem serem discutidos no espaço escolar, com o propósito de acabar de vez com atitudes de distinção entre os alunos. Sabemos que existe na escola a homofobia que é:

“Medo, desprezo e intolerância... esses são apenas alguns dos sentimentos de repulsa demonstrados contra homens e mulheres homossexuais. A homofobia – ódio ou aversão à homossexualidade – é uma prática disseminada não apenas entre skin heads, ou grupos extremistas, mas também entre adolescentes, jovens, adultos e idosos que, por motivos culturais, sociais ou de conduta individual, discriminam pessoas de acordo com a orientação sexual.” (GUIA PARA EDUCADORES(AS) 2006, p. 19)

Estruturar uma aula pensando apenas em conteúdos básicos e habitualmente ensinados nas escolas como matemática e português não é o caminho mais apropriado para alcançar resultados positivos no desempenho dos alunos. O dia-a-dia docente é marcado por mudanças, o que foi planejado pode mudar de uma hora pra outra, seja devido a uma briga, discussão por meio de piadas e apelidos, brincadeira preconceituosa e discriminativa, que requer do professor uma posição diferente da que foi planejada, pois,

Conhecer os conteúdos a serem ensinados é a menor das coisas, quando se pretende instruir alguém. Porém, a verdadeira competência pedagógica não está aí; ela consiste, de um lado, em relacionar os conteúdos a objetivos e, de outro, a situações de aprendizagem (PERRENOUD, 2000, p.26).

Em virtude disso, ensinar é ir além do que está pronto, é perceber e discutir tudo que possa interferir positivamente ou negativamente no ensino-aprendizagem, na formação e no convívio dos alunos. Por mais que o professor diga que está sempre preparado, que sabe de tudo, devido às transformações que ocorrem na sociedade ele sempre tem uma coisa nova para aprender. Ninguém está totalmente pronto. Freire diz que:

A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de apreender a substantividade do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou o conteúdo do que como sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção. É precisamente por causa desta habilidade de apreender a substantividade do objeto que nos é possível reconstruir um mal aprendizado, o em que o aprendiz foi puro paciente da transferência do conhecimento feita pelo educador. (Freire, 2002, p.28)

O professor deve está sempre em um processo de busca de aprendizagem, buscando novos conhecimentos para que tenha mais subsídios em relação às situações vivenciadas na sala de aula. O ensino cobra do professores meios que possibilitem desenvolver uma aprendizagem que o subsidiem em relação às diversas questões que envolvem os sujeitos na sociedade.

Indaguei as professoras, também, sobre **quais as formações continuadas que estão sendo oferecidos pelo município. Se acham que o sistema educacional contribui para a formação do professor e se sentem motivadas para participar dessas formações.**

“Infelizmente não temos a disposição dos profissionais da educação nenhum tipo de formação continuada oferecida pelo município. O sistema educacional contribui, mas, às vezes não chega a gente por falta de interesse de trazer as formações continuadas. Sinto sim, já aconteceu várias formações em Vieirópolis, e eu participei e foram bons, como o pró-letramento que era uma formação continuada e várias outras. Agora no momento não está sendo oferecido”. (P.A)

“Pelo nosso município até agora nenhuma, faz vários anos que não temos essas formações. De maneira meio torta. Porque deveríamos ser mais explorados e assim aproveitaríamos essa exploração ainda mais o desempenho do nosso alunado. Sim, pois nós como professores e educadores necessitamos porque a tecnologia está cada vez mais avançando e sem essas formações ficamos um pouco leigas”. (P.B)

“Pelo município no momento não tem formação, mas tem o PNAIC programa nacional de alfabetização na idade certa que contempla professores do 1 ano a 3 ano , é um programa oferecido pelo governo federal e que agora já se diz que a proposta para que seja colocada nos anos finais do fundamental um no quarto e quinto ano a gente aguarda. Então é um programa que incentiva, que prepara o professor, que motiva e que tem um auxílio uma bolsa que ajuda nas despesas de transporte, já fiz essa capacitação também em outro município por conta própria sem a bolsa, participei porque adoro adquirir mais conhecimento. Deixa muito a desejar porque a gente ver quantas crianças vivem nas escolas crianças autistas, crianças com síndrome, crianças com dificuldade de aprendizagem, crianças com acessibilidade, deixa a desejar pois o professor deveria estar preparado para todo o público. Mas no meu caso eu procuro dá o melhor de mim pesquisando, procuro me adaptar a realidade do aluno, investigar e pesquisar para lidar com essas crianças, não me sinto totalmente preparada, mas estou sempre buscando me capacitar para estar preparada na sala de aula. Sim com certeza, porque o professor precisa estar preparado para a realidade, precisa dia após dia buscar formação e eu tenho prazer de participar das formações continuadas”. (P.C)

“No momento tem os planejamentos, já teve muitas formações continuadas, tinha a formação pela escola muito boa que agora deu uma parada, mas que sempre tem inovações. Assim de certa forma, as vezes vem o incentivo na questão de fazer o curso, mas não dá suporte necessário o que vem a calhar é isso, por exemplo, você tem que fazer o curso para não ficar leigo, mas não tem o suporte necessário para que haja o seu desenvolvimento, apesar de cada professor e outros profissionais procurarem sua formação. Sinto sim porque meu concurso é o fundamental um, do primeiro ao quinto ano e eu era formada em geografia, então fiz especialização em psicopedagogia já que meu objetivo era fazer o curso de pedagogia, pois tenho que estar preparado para meu alunado não posso vir só por vir, tenho que estar preparado para saber aplicar melhor os conteúdos”. (P.D)

De acordo com a fala das professoras, podemos perceber que o município não está oferecendo formações continuadas para que o professor se atualize e adquira mais conhecimentos, apenas o PNAIC. Diante disso, é notável que o município deveria oferecer mais formações para os professores, no intuito de prepará-los melhor para atuar na sala de aula. Sabemos que ter uma formação inicial é essencial, mas, não é por si só suficiente para garantir um ensino de qualidade.

Em virtude disso, qualificar o professor é fator de extrema necessidade, já que seu trabalho requer de competências que só são adquiridas a partir de investimentos em sua formação, pois, “o mundo é do tamanho do conhecimento que temos dele. Alargar o conhecimento, para fazer o mundo crescer, e apurar seu sabor, é tarefa de seres humanos. É tarefa, por excelência, de educadores”. (RIOS, 2001, p.24)

Nas falas das professoras podemos analisar que o sistema educacional está deixando a desejar, devido à falta de incentivos, não dá suporte necessário para receber os diferentes tipos de crianças que existe na escola e, com isso, as professoras se sentem sozinhas, daí resolvem procurar por conta própria adquirir novos conhecimentos.

Os saberes de um professor são uma realidade social materializada através de uma formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada, etc., e são também, ao mesmo tempo, saberes dele. (TARDIF, 2014, p.16)

E primordial o professor adquirir seus próprios conhecimentos, se esforçar para aprender cada vez mais, se qualificado em prol do ensino-aprendizagem, mas, também o sistema educativo tem a obrigação de oferecer meios para que isso aconteça. Há muitas crianças nas escolas com diferentes tipos de necessidades e de diferenças seja ela de classe social, religiosa, gênero, cor entre tantas outras, no entanto, muitas escolas ainda não possuem

recursos adequados para receber essas crianças, não tem profissionais qualificados para lidar com essa diversidade e mesmo assim o sistema educativo não procura incentivar com mecanismos que possam suprir essas necessidades.

Para tanto, considerando a estrutura do sistema capitalista na sociedade brasileira e as relações de poder que regem a educação no Brasil, procuro identificar para quem ela está a serviço, impedindo a construção de uma escola com uma práxis educativa politicamente inovadora. Tento entender como as relações dominantes se manifestam no cotidiano da escola e a forma como as mesmas se apresentam no subjetivo dos sujeitos, fazendo com que eles reproduzam, condicionados ideologicamente, os mecanismos de controle sócio-político. Procuo compreender o contexto sócio-educacional em que está inserida a criança brasileira e seus aspectos de humanização/desumanização que imperam na conjuntura social. (BARBOSA, 2004, p.09)

A formação docente repercute significativamente na vida de um educador, melhora os resultados do ensino, faz com que veja o ambiente escolar com de diferentes formas, e a partir daí compreende melhor seus alunos, o processo de aprendizagem e as dificuldades que em qualquer escola tem.

As professoras afirmaram gostar de participar de formações, pois, é uma oportunidade de ampliar os conhecimentos e de estar preparado para a realidade atual, que está cada vez mais moderna, com novas tecnologias e mudanças na sociedade, o que solicita do professor formações que o coloque a frente das questões que mexe com o andamento do ensino.

A educação inclusiva desloca o enfoque individual, centrado no aluno, para a escola, reconhecendo no seu interior a diversidade de diferenças individuais, físicas, culturais e sociais. A educação especial passa ser compreendida e inserida na educação geral, na qual todos aprendem juntos, convivendo com as diferenças. (LOCATELLI E VAGULA, 2009, p. 27)

As diferenças existentes entre a população, sejam no social, econômico, religioso, de cor, traz consigo a necessidade de valorização e respeito dentro da escola, não basta apenas incluir os alunos, é essencial realizar uma educação centrada na diversidade, reconhecendo que elas existem e merecem serem debatidas com o objetivo de garantir direito de todos. E somente um professor preparado que conseguirá organizar e realizar uma educação realmente inclusiva.

Questionei, também, **como percebem as diversidades fora da escola. Elas interferem no processo de ensino-aprendizagem?** Suas respostas foram:

“Eu percebo que existe muita discriminação, preconceito e, conseqüentemente exclusão. Com certeza sim, pois o que o aluno aprende fora da escola, ele transmite dentro da escola”. (P.A)

“Vejo que as pessoas e a sociedade em que vivemos constroem em nossas crianças preconceitos, não aceitação da posição financeira de alguns e a rejeição das pessoas humildes e simples. Sim porque a criança chega na escola com uma percepção que só elas é importante mais que as outras, sem falar de pais que adentra a escola para repassar que só sua criança é capaz e ainda exige seu filho ser o primeiro em tudo, isso é uma afronta a capacidade dos outros alunos”. (P.B)

“Hoje vejo que a população está mais aberta para a diversidade, a questão da aceitação do homossexual, por exemplo, a gente ver muito isso na minha família tem um homossexual e a gente tem que respeitar o outro. Depende da forma que o aluno traz o conhecimento para a sala de aula e depende do professor como lida com esse assunto, se o professor procurar pesquisar o assunto e conversar com os alunos eles vão ter uma mente mais aberta e de forma nenhuma interferirá na vida escolar do aluno e muito menos na aprendizagem, ajudará os alunos a se respeitarem e a conviver com as diversidades”. (P.C)

“Interfere muito, porque eu creio que é assim na escola ensina algo que esta inserido na sociedade, eu creio que quatro horas não é suficiente para a criança captar tudo, precisamos da ajuda da família, muitas famílias não incentiva as crianças a estudarem, muitos só cobram do professor como se o professor fosse responsável por toda a vida da criança, o maior momento da vida que a criança passa é com a família, ou seja, a escola é um complemento para que a criança seja inserida na sociedade”. (P.D)

Todas, sem exceção, consideram que a diversidade interfere no processo de ensino-aprendizagem, pois o que os alunos aprendem fora da escola trazem para o ambiente escolar e que as crianças já trazem consigo preconceitos adquiridos na sociedade, que utilizam para excluir os outros alunos que são mais humildes.

Percebe-se, nas falas das professoras, que o preconceito e a discriminação na sociedade são bastante visíveis, e isso repercute na escola também. Ao passo que essa distinção existe, o professor tem um grande papel no seu campo de trabalho que é o de não deixar que essa heterogeneidade seja vista pelos alunos de forma preconceituosa e isso vai depender muito da forma como o professor lidar com essas questões.

Mais preocupante é o fato que o preconceito e a discriminação muitas vezes resultam em situações em que pessoas são humilhadas, agredidas ou acusadas injustamente simplesmente pelo fato de fazerem parte de algum grupo social específico. Nota-se que estas práticas discriminatórias no ambiente escolar tem como principais vítimas os alunos, especialmente negros, pobres e homossexuais, com médias de 19%, 18% e 17% respectivamente para o índice percentual de conhecimento de situações de bullying nas escolas entre os diversos públicos pesquisados. (MAZZON, 2009, p.7)

A escola pode mudar essa realidade, os sujeitos não têm que continuar com essa visão preconceituosa, que excluir e ofende esses grupos, como se eles não tivessem os mesmos

direitos. Iniciativas por parte do professor é fundamental, pois, se sabe que eles influenciam bastante os alunos, diante disso, eles podem utilizar dessa capacidade de influenciar para transformar essa triste realidade para melhor, por meio de debates, palestras, planejamentos, elaborando conteúdos mais condizentes com a realidade dos alunos.

A educação é por excelência uma oportunidade dos sujeitos aprenderem sobre o valor da cultura, e manterem contatos com as diferentes práticas culturais. [...]. Embora o Brasil seja mundialmente conhecido por seu caráter pluri e multi cultural, nem sempre a diversidade é contemplada em sala de aula, apesar de a escola ser composta por negros, brancos e índios. (CHAGAS, 2008, p.1)

É preciso exercer uma prática que possa acabar com atos que denigre qualquer ser humano. A sociedade é marcada por uma dura realidade, a rejeição por aquilo que é diferente se faz presente no nosso meio social, e as marcas dessa rejeição são profundas e deixa as pessoas que as sofrem bastante tristes, deprimidas, com sentimento de incapacidade, com vontade de sumir da escola e do convívio com as pessoas. Temos a Lei nº9.459, de 13 de maio de 1997 afirma que:

“Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.”

“Art. 20º Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Pena: reclusão de um a três anos e multa.

Essa lei garante punição para aquele que não respeito o seu próximo, que não aceita a cultura do outro, contribuindo assim para minimizar atos violentos e discriminatórios contra qualquer pessoa. Todavia, mesmo existindo essas leis, ainda existe na sociedade pessoas racistas e preconceituosas que desrespeitam e agridem por meio de palavras e de forma física os negros, os homossexuais, as mulheres, ou seja, todos que sofrem por não seguir o padrão imposto pela sociedade.

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros sujam a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedade em que se faz isso em que se queimam igrejas de negros se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia. Pensar e fazer errado, pelo visto, não tem mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não tem nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez. (FREIRE, 2002, p.20)

Ir contra atos preconceituosos dentro da escola é uma alternativa mais eficaz para formar pessoas mais conscientes na sociedade, pois, o que os alunos aprendem na escola eles levam para sua vida na sociedade, então, se eles aprenderem a respeitar e valorizar o outro da forma que é com certeza a forma da sociedade pensar vai mudar.

Na última pergunta questionei as professoras: **Você já teve experiências na escola em relação à questão da diversidade? Como foi?** Responderam que:

“Sim. Sou professora de um aluno especial diagnosticado com autismo, durante as aulas tenho a necessidade de passar conteúdos que sejam assimilados por ele e pelos outros alunos.

“Sim. É preciso trabalhar, conviver e mostrar as nossas crianças que o valor que eles tem as outras crianças também tem. Todos nós temos um valor perante os homens como perante Deus, temos que educar os nossos filhos para o mundo, se eu não estou fazendo isso eu estou educando erradamente”.

“Já tive inclusive com alunos do quinto ano crianças com 10, 11 e 12 anos. No caso existiam crianças homossexuais na sala de aula, ela não tinha vergonha de se assumir já que tinha a faixa etária mais avançada que os outros alunos, de início havia picuinhas entre os alunos, porém comecei a perceber e trouxe o diálogo para a sala de aula e daí foi tudo normal, até o final do ano, as crianças agiam de forma natural depende da forma que o professor lida, o professor precisa ensinar as crianças a respeitar o outro, criança não tem preconceito se for ensinando desde de pequena a respeitar o colega”.

“Sim, na questão da criança tem algum problema, as outras crianças percebem, diante disso o professor precisa trabalhar com as crianças, mostrar, pois as crianças sentem discriminadas, não quero brincar com o colega por isso a gente tem que trabalhar para mostrar um ponto de vista diferenciado, porque às vezes vem dos próprios pais, olha tem casos que a criança diz que minha mãe disse que eu não posso brincar com fulano porque ele faz isso. O professor tem que distorcer isso, tem que ensinar aos alunos a conviver com todas pessoas da forma que elas são, ensinando que não pode discriminar os colegas”.

Podemos constatar na fala das professoras que todas já passaram por experiências na sala de aula em relação à diversidade, demonstram que tentam realizar uma prática de ensino que inclua todos de forma igual independente da sua diversidade. Segundo elas o modo como o professor lida com a situação é que vai fazer a diferença na hora de contornar a dificuldade. Relatam que os alunos percebem essas diferenças e que muitas vezes preconceito existente já vem dos pais.

A transmissão da diferença também não é necessariamente uma prática negativa no processo educativo. Efetivamente as diferenças existem e não podem ser negadas. Não se pode negar o que é evidente. Não se pode camuflar, ou “esconder o sol com a peneira”. Vale no entanto, analisar as diferenças, decompô-las, afirmando-as como diferenças, como elas se constituem e em que contexto elas se estabelecem. Significar afirma a diferença sem com isso destruir o outro, nem mesmo destruir-se. O fato é que para afirmar o meu “eu” não preciso necessariamente passar pela negação do outro. No contexto da ação escolar, pode-se refletir sobre essa diferença em sala de aula por intermédio do trabalho de recomposição da diferença com a constituição da imagem do outro enquanto tal. O outro, que é diferente, não é algo eu não possa ou não deva existir. Ele existe. (ITANI, 1998, p.128)

Assim é a nossa realidade formada pelos diferentes tipos de pessoas, e perante isso torna fundamental procurarmos viver com essas diferenças de forma ética, respeitando o outro do jeito que ele é. Não é possível esconder que a diversidade existe na escola, pois, ela é visível a todos, o que torna essencial é trabalhar para que elas não seja notadas como algo anormal ou imoral. Aceitar o outro com suas diversidades torna a sociedade mais amigável e mais humana. Os direitos devem ser garantindo para todos, pois,

Os Direitos Humanos são direitos que pertencem a todos os seres humanos, em razão da dignidade que possuem. A dignidade, portanto, é o fundamento dos Direitos Humanos estabelecido na maior parte dos documentos e leis internacionais dessa área. Eles são direitos que não deixam de existir, nem podem ser retirados das pessoas, porque ninguém perde sua condição de ser humano. Esses direitos são considerados fundamentais porque, sem eles, a pessoa não é capaz de se desenvolver e de participar plenamente da vida. (BRASIL, 2008, p.14)

Cada vez mais têm que se discutirem os direitos humanos dentro da escola e assim garantir que todos conheçam seus direitos e deveres dentro da sociedade. Sabemos o quanto os negros, os homossexuais sofre tanto na escola como na sociedade com perseguições, piadas, exclusões e com isso essas pessoas vão se afastando do convívio com outra pessoas, pois, tentam evitar o máximo de agressões, já que mexe com seu psicológico. Na sociedade mesmo com todas as mudanças ainda podemos ver, como por exemplo, o grupo LGBT sofre,

Tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na vida escolar e profissional de jovens e adultos LGBT. Essas pessoas vêm-se desde cedo às voltas com uma “pedagogia do insulto”, constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes – poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica. Por meio dessa pedagogia, estudantes aprendem a “mover as alavancas sociais da hostilidade contra [a homossexualidade] antes mesmo de terem a mais vaga noção quanto ao que elas se referem”. (SULLIVAN, 1996, p.15)

Uma das professoras relatou que já teve alunos homossexuais e que de principio sofriam pelas picuinhas dos colegas e por isso não se assumiam, mas, a partir do momento que a professora percebeu e colocou o dialogo sobre o assunto na sala de aula ela notou a mudança entre os alunos, e os apelidos diminuíram, observamos ai à importância de uma visão ampla por parte do professor e a diferença que um professor comprometido e responsável com seu trabalho faz.

A opção pelo cenário da escola pública é proposital. Ela deve ser o palco das liberdades democráticas. Entre preconceitos e discriminações cabe á escola pública o importante papel de proporcionar aos seus alunos um modelo de tolerância a ser aplicado na sociedade. (GOMES, 1996, p.116)

O modo como é desenvolvido a educação faz total diferença na formação dos alunos. É preciso um maior incentivo do sistema educacional, dos administradores escolares, dos professores em relação a temas que envolvem o preconceito e a discriminação entre os alunos. Não se pode deixar que por causa da cor, da orientação sexual, do gênero ou por causa da religião uma pessoa seja maltratada, agredida, insultada, todo merecem e tem o direito de serem tratados como seres humanos como são.

Cada pessoa tem seu valor, sua cultura, suas escolhas, seu modo de ser e de viver na sociedade, e isso não dá o direito a ninguém de ser contra, pois, todos têm direito a liberdade desde que não ultrapasse os limites e que isso fira o direito do outro. No entanto, é preciso antes de qualquer coisa reconhecer que há diferenças na sociedade é que elas devem ser trabalhadas, respeitadas, valorizadas dentro ou fora das escolas, pois, só assim um dia a sociedade se tornará justa e igualitária para todos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse trabalho, constatamos que a temática diversidade merece uma maior atenção por parte das escolas, dos professores e dos pais, pois, a diversidade está presente na vida de todos os seres humanos. Em virtude disso, surgem conflitos de opiniões em defesa dos interesses de cada um na sociedade. Nesse sentido, por a escola receber alunos com as mais diferentes diversidades, o que causa em alguns alunos a rejeição a essas diferenças. Assim, torna-se necessário com que ela dê mais atenção a questão da diversidade no currículo, nos conteúdos ensinados e, especialmente, no cotidiano e nas relações vividas na escola.

Sabemos que a escola é a instituição responsável pela formação dos cidadãos e como tal ela pode contribuir para uma prática de formação mais humana, baseada na igualdade e na justiça, na garantia de direitos e deveres, do respeito e valorização pela cultura do outro. A escola é capaz de influenciar nos modos de ver a vida, a sociedade, “o outro”, e porque não usar esse recurso para trabalhar as diferenças em prol do bom convívio entre os alunos e dos demais profissionais.

Diante disso, o papel do professor na sala de aula é fundamental para o combate e enfrentamento de atos preconceituosos que possam excluir qualquer sujeito da escola. Orientar os alunos em relação a questões como gênero, religião, cor, orientação sexual, entre tantas outras é dever do professor, e para isso ele precisa estar bem preparado e qualificado para então poder discutir essas temáticas de forma adequada e consistente.

É preciso que o professor continue sua formação, pois, ela é uma atividade inesgotável. A ação docente no dia-a-dia cobra mais conhecimentos e saberes que só são conquistados nas formações. Lidar com a diversidade não é tarefa fácil já que ela envolve muitas dimensões individuais e sociais, como a homossexualidade, o machismo, a cultura, as etnias, o gênero e as crenças (religiões) que ainda é tabu na sociedade.

A diversidade não deve ser encarada como se não fosse algo normal, pois ela existe e requer mais respeito e aceitação por parte das pessoas. Não se pode denegrir o outro pelo simples fato de não gostar do seu jeito ou do seu modo de vida.

Na atualidade, podemos ver que o padrão tradicional de família mudou, não é mais composta só por mãe, pai e filhos, hoje vemos os mais diferentes tipos de família, mas, mesmo assim grande parte das pessoas na sociedade continuam preconceituosas, e não querem aceitar o novo. Essas novas famílias estão inseridas na escola, por isso, a responsabilidade do professor em relação a sua prática docente aumenta, ele não pode mais

fazer uma prática indiferente a realidade dos alunos, pois, o modo como o aluno vive interfere muito no andamento do processo de ensino-aprendizagem.

Desenvolver uma ação docente num contexto antigo, que não inclui, mas exclui aquele que por ventura não faz parte daquilo que a sociedade deseja não é coerente com a ação docente. A atividade do professor não pode mais ser planejada em apenas num sentido, como se todos os alunos fosse iguais e vivessem no mesmo contexto social.

Seria ideal que fosse eliminado do contexto escolar qualquer prática e/ou comportamento que possa transmitir o preconceito e a exclusão contra os alunos, a começar pela a realização de festas no dia das mães e dos pais, pois, exclui aquele que vive em outra estrutura familiar, porque nesse dia não fazer uma festa para os diferentes tipos de família.

As escolas também poderiam afirmar o compromisso com o que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 11.645/2008 estabelece que é colocar nas escolas de maneira obrigatória o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. Entretanto as coisas não acontecer assim, o negro muitas vezes só é visto no dia da consciência negra, como se ele não tivesse importância e nem fizesse parte do contexto social, o índio então só é lembrando no dia 19 de abril.

É preciso que se cumpra a lei, e que seja mais debatida nas escolas essas questões, para que assim então essas culturas conquiste o seu verdadeiro valor respeito por tudo que eles já fizeram pelo crescimento do país. Não tem como esquecer essa cultura ela está presente em nosso dia-a-dia através da comida, da roupa, da dança, da música entre tantas outras formas que estão inseridas querendo ou não na nossa vida.

De acordo com os relatos das professoras, podemos perceber que a diversidade se faz presente na sala de aula de diferentes maneiras e aspectos e, que as professoras necessitam de mais formações contínuas para que possam subsidiar suas ações diárias, pois, quanto mais preparado é o professor mais ele pode resolver as situações vivenciadas entre seus alunos e melhor pode orientar a situação.

Nem sempre a diversidade é trabalhada na escola de forma adequada. Muitas vezes a violência decorrente de preconceitos passam despercebidas e são esquecidas pelos professores e com isso muitos alunos abandonam a escola por não se sentirem parte integrante na sala e por não aguentarem mais tanta perseguição.

No decorrer dessa pesquisa, percebe-se que o preconceito e a discriminação acontecem de forma violenta e não apenas por palavras. Os jovens são agredidos e maltratados de maneiras absurdas e injustificáveis. As pessoas LGBT são violentadas diariamente. São rejeitados nos ambientes sociais. São taxados por apelidos medíocres que os inferiorizam.

Atitudes como essas podemos também perceber contra as mulheres. A sociedade machista as considera inferiores aos homens. Cotidianamente escutamos casos de violência sexual, doméstica, que causam efeitos negativos na vida das mulheres. Nos casos mais extremos, tiram suas vidas.

É notável que, no Brasil, ocorreram mudanças em relação a diminuição a desigualdade, mas, também é visível que muita coisa precisa ser mudada ainda, para que então possamos viver em uma sociedade justa e democrática, onde todos realmente tenha a garantia dos mesmos direitos e que isso não fique apenas no papel.

Até que dia viveremos em um meio social individualista, sem respeito à diferença do outro, que sempre quer mais e mais a custo do próximo. Podemos e devemos transformar essa realidade, não é só quem sofre com esses atos absurdos que deve se manifestar, é necessário uma união da sociedade, para que então se possa compreender e aceitar o diferente.

Conclui-se que toda a escola, pais, alunos, governantes, comunidade, devem se juntar para incentivar a criação de ações que possam proibir atitudes discriminatórias na escola e na sociedade. Não é só o professor que pode contribuir para acabar com o preconceito e essencial ajuda de todos para dar um fim a esse mal que faz presente no nosso meio social.

A reflexão e a discussão sobre a diversidade na escola é fundamental, para que assim se torne possível um ensino construído para todos, onde os alunos permaneçam e se sintam integrados no ambiente escolar. É preciso um novo modelo de escola, que considere a realidade de cada aluno, trabalhada para atender as necessidades deles, uma escola construída sem preconceito ou discriminação.

Evidencio que todo o referencial teórico empregado para a construção deste trabalho contribuiu muito para a minha vida acadêmica e pessoal, como também para o meu crescimento como futura professora, pois, me proporcionou diversos conhecimentos, que me ajudaram desenvolver minha prática docente. Também, possibilitou compreender melhor sobre a diversidade e como ela é vista na atualidade. Dessa maneira, espero que contribua para a formação dos demais educadores.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs). **Afirmando Diferenças: Montando o quebra-cabeça da diversidade na escola.** Campinas, SP: Papirus, 2005.

BARBOSA, Márcia Silvana Silveira. **O Papel da Escola: Obstáculos e Desafios para uma Educação Transformadora.** Porto Alegre, 2004. Disponível em: <474>. Acesso em: 22 de agosto de 2016.

BOLZAN, Dóris. **Formação de professores: compartilhando e reconstruindo conhecimentos.** Porto Alegre: Mediação, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF, 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 10 de agosto de 2016.

BRASIL. **Conselho Escolar e Direitos Humanos.** – Brasília : Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos ; Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. 104 p.: il. – (Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares ; 11). Disponível em: <http://ww.dhnet.org.br/educar/exec/conselhos_escolares_dh.pdf.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual.** Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>> Acesso em: 18 de agosto de 2016.

BRASIL. Secretaria de política econômica. **Relatório da distribuição pessoal da renda e da riqueza da população brasileira: dados do IRPF 2015/2014.** [S.l.: s.n.], 2016. Disponível em: <http://www.fazenda.gov.br/centrais-de-conteudos/publicacoes/relatorio-sobre-a-distribuicao-da-renda-e-da-riqueza-da-populacao-brasileira/relatorio-distribuicao-da-renda-2016-05-09.pdf>. Acesso em: 19 de agosto de 2016.

BRASIL. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** Diário oficial da União, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 16 de agosto de 2016.

BRASIL. **Lei nº 9459**, de 13 de maio de 1997. Lei que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 de maio de 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9459.htm>. Acesso em: 16 de agosto de 2016.

BRASIL. **Lei nº 10639**, de 9 de janeiro de 2003. Lei que altera a Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996 para inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 de janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 16 de agosto de 2016.

BRASIL. **Lei nº 11 340**, de 7 de agosto de 2006. Lei que coibi a violência doméstica e familiar (Lei Maria da Penha). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 16 de agosto de 2016.

BRASIL. **Lei nº 11645**, de 10 de março de 2008. Lei que altera a Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996 para incluir no currículo oficial a temática “História Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 de março de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 16 de agosto de 2016.

CABRAL, Francisco; DÍAZ, Margarita. Relações de gênero. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p.142-150. Disponível em:<http://adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Relacoes_Genero.pdf>. Acesso em 15 de setembro de 2016

CARRARA, Sergio. Educação, diferença, diversidade e desigualdade In: **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. Disponível em: http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf. Acesso em: 13 de agosto de 2016.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. Formação Docente e Cultura afro-brasileira. In. **Revista África e Africanidades**, ano 1, nº 3, 2008. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Formacao_docente_e_cultura_afro_brasileira.pdf> Acesso em: 20 de agosto de 2016.

ESTEVIÃO, Carlos. **Educação e Sociedade**: revista quadrimestral da ciência da Educação, nº 77. dez / 2001.

FERNANDEZ, Cida et al. Diversidade sexual na Escola: reflexões sobre ação educativa com docentes. In: BEZERRA, Nielson da Silva (Org.). **Respeitando as diferenças no espaço escolar**. Recife: Gestos. 2007

FERREIRA, Beatriz Maria Megias ligmanovski; LUZ, Nanci Stancki da. Sexualidade e Gênero na Escola in: **Construindo a igualdade na Diversidade: Gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários á prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2002.

GOMES Antonio Luis. Divisões da Fé: as diferenças religiosas na escola. In: AQUINO, Julio Groppa (org.): **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Editora Alínea, 2003.

GUIA PARA EDUCADORES(AS). **Educando para a diversidade**. Curitiba: jun. 2006. CEPAC.

IMBERNÓN, F. **Formação Continuada de Professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ITANI, Alice. Vivendo o preconceito em sala de aula In: AQUINO, Julio Groppa (org.): **Diferenças e preconceitos na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Sammus, 1998.

JOCA, Alexandre Martins. **Diversidade sexual na escola [manuscrito]**: um “problema” posto à mesa. 2008. 182 f. Mestrado (Mestrado em Educação. – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

JOCA, Alexandre; VASCONCELOS, Francisco Herbert Lima; e NATIVIDADE, Marcelo (Orgs.). **Educação em direitos humanos, gênero e diversidade sexual: reflexões, projetos e experiências**. Recife: Imprima, 2015.

JOVINO, Ione da Silva. Diversidade e Juventude: Considerações sobre escola e práticas culturais juvenis In: **Educação como prática da diferença**. Campinas, SP: Armazém do ipê. 2006.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Educação e Homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal in: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LEAL, Alane de Lucena. **Educação e Cidadania: Uma inovadora proposta de formação religiosa**. São Paulo: Paulinas, 2005.

LOCATELLI, Adriana Cristine Dias; VAGULA, Edilaine. **Fundamentos da educação especial: história**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

LOPES, Neto A. A; SAAVEDRA, L.H. **Diga não para o bullying**. Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRÁPIA. 2003.

LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salet. “O olhar não é mais o mesmo”: Uma análise sobre os resultados de um curso sobre Gênero e sexualidade na escola In: **Construindo a igualdade na Diversidade: Gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009.

LUZ, Nanci Stancki da. Violência contra a mulher: um desafio á concretização dos direitos humanos In: **Construindo a igualdade na Diversidade: Gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009.

MANTOAN, M.T.E. **Os sentidos da integração e da inclusão, no contexto da inserção de deficientes**. Campinas: Unicamp, 1997.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MAZZON, José Afonso (coord.). Relatório Analítico Final. **Projeto de Estudo Sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, ÉtnicoRacial, Gênero, Geracional, Territorial, Necessidades Especiais, Socioeconômica e Orientação Sexual**. São Paulo: FIPE, MEC/INEP, 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relatoriofinal.pdf>> Acesso em: 20 de agosto de 2016.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Desigualdade de Gênero, Raça/Etnia e orientação Sexual no Espaço Escolar: conceitos e relações In: **Respeitando as diferenças no espaço escolar**. Org. Bezerra, Nielson da Silva. Recife: Gestos. 2007.

NÓVOA, Antonio. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa. 2002.

OLIVEIRA, Camila Alberto Vicente de. **O conceito de diversidade cultural e suas implicações para a formação do professor de matemática no interior de mato grosso: estudo de caso com licenciandos em matemática na UNEMAT – BARRA DO BUGRES-MT– UFG/ Jataí – GO** In: Área temática: Educação: profissionalização docente e formação Agência financiadora: FAPEMAT Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/159_896.pdf> Acesso em: 10 de setembro de 2016.

OLIVEIRA, Eliane Martins de. **Trabalhando a sexualidade na escola: um olhar de sensibilidade ao ser humano**. 2007. Disponível em: <http://www.imap.curitiba.pr.gov.br/wp-content/uploads/2014/03/2012_trabalhando_a_sexualidade_na_escola.pdf> Acesso em 10 de setembro de 2016.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RAMOS, Ana Karina Sartori. **BULLYING: A VIOLÊNCIA TOLERADA NA ESCOLA**. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf>>. Acesso em: 20 de agosto de 2016.

RIOS, Roger Raupp. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: RIOS, Roger Raupp (Org.). **Em defesa dos direitos sexuais**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. – São Paulo: Cortez, 2001

SANTOS, Hélio. Discriminação racial no Brasil. In: SABÓIA, Gilberto Vergne; GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (orgs.). **Anais de Seminários Regionais Preparatórios para a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata**. Brasília: Ministério da Justiça, 2001. 476p.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. In: **Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**, 4, 2013, Brasília. Artigo. Brasília: ANPAD, 2013, p. 1-14.

SILVÉRIO, Valter Roberto. A (re)configuração do Nacional e a Questão da diversidade. In: ABRAMOWICZ, A.; SILVÉRIO, V. R. (Org.). **Afirmando Diferenças: Montando o quebra-cabeça da diversidade na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

SULLIVAN, Andrew. **Praticamente normal: uma discussão sobre o homossexualismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (ed. or.: 1995).

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 17. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

APÊNDICE A- Roteiro de Entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Entrevista:

- 1) Em sua opinião quando falamos em diversidade na escola sobre o que você entende?
- 2) Como você lida com as diversidades na sala de aula?
- 3) Sente dificuldades em se posicionar perante alguns assuntos no dia-a-dia? Quais os assuntos e por quê?
- 4) Quais as formações continuadas que estão sendo oferecidos pelo município? Você acha que o sistema educacional contribui para a formação do professor? Você se sente motivada para realizar essas formações?
- 5) Como você percebe as diversidades fora da escola? Elas interferem no processo de ensino-aprendizagem?
- 6) Você já teve experiências na escola em relação a questão da diversidade? Como foi?

APÊNDICE B-Termo de Consentimento



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa

_____, sob a responsabilidade do pesquisadora _____, e desenvolver uma pesquisa nesta instituição _____ cidade de _____.

Sua participação é voluntária. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa não existem. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o processo educativo de seu filho/a.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço UAE campus de Cajazeiras.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ___/___/_____

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador Responsável